

REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 6

Junho de 1918

Ano LXX

Director, proprietario e editor — Empresa da *Revista Militar*

Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL
pertencente a *Coelho da Cunha Brito & C.ª* — Rua do Diario de Noticias, 78 — Lisboa

EPISÓDIOS DA GUERRA ACTUAL

A politica de defecção da Russia através da historia

Um notavel espirito italiano, que foi Maximo D'Azeglio, asseverou, que a historia não era util porque nela se lesse o passado, mas sim porque nela se revelava o futuro. O conceito acorda-se inteiramente com as doutrinas psicologicas. Desde que estas afirmam, como incontestavel, que os caracteres psicologicos das raças historicas são tão estaveis como os seus caracteres anatomicos, transmitindo-se pela hereditariedade com regularidade e constancia, quem seja perfeito conhecedor da evolução politica ocorrida, através dos tempos, nas nações em que determinadas raças exercem a preponderancia, facilmente deduzirá qual o procedimento, que elas adoptarão em situações analogas ás do passado. Por isso se diz, e bem, que a historia se repete, porque não é a inteligencia, e sim o caracter, quem regula o procedimento dos homens. A primeira evolue com a cultura, o outro é refractario á acção educativa.

Em poucos momentos historicos seria possivel exemplificar a doutrina exposta por modo mais indiscutivel e evidente do que no actual. Duas nações, nas quais raças bem distintas exercem a hegemonia, estão procedendo, cada uma por seu lado, de inteira conformidade com as respectivas tradições historicas. Sob o ponto de vista do procedimento politico, quem aplica a atenção na leitura da historia do seculo XVIII, encontra a sua viva reprodução nos factos proeminentes ocorridos, durante a presente conflagração, quer por parte da Russia, quer por parte da Alemanha, que são as nações a quem pretendemos

aludir. As raças germana e eslava revelam, com dois seculos de intervalo, a estabilidade mantida nos caracteres das respectivas mentalidades, assegurando por tal modo a verdade da teoria, que afirma ser feita a alma dos vivos da tradição legada pelos mortos.

E' sob tal aspecto scientifico, mais do que por qualquer outro, que se explica como, no praso de seculo e meio, a Prussia por tres vezes, deve á defeccção russa o haver sido salva do perigo de morte, que a ameaçava. A escavação historica, que vamos tentar, demonstrará tal asserto.

*

* *

A 31 de maio de 1740, assumia Frederico II o trôno da Prussia e, lançando os olhares sobre os territorios que constituíam o Estado, que herdára, observou que, embora já bem mais vastos do que os areas do Brandeburgo, os quais, havia seculo e meio, tinham constituido o berço da monarquia, ainda assim estavam desvalorizados, não só por não possuirem a força que provém da unidade e coesão, esparsas como essas regiões se encontravam pelas margens do Baltico, do Weser, do Oder, do Elba, do Reno e até pelas fronteiras da França e da Russia, mas ainda pelas devastações incessantes que, durante a guerra dos trinta anos, nelas haviam impunemente praticado os suecos, os holandeses e os russos.

Em contraposição, tres colossais Estados, como o eram a França, a Austria e a Russia, apertavam por todos os lados esse feixe de territorios prussianos, aos quais faltavam as condições mais essenciais para poderem ser considerados como constitutivos de uma verdadeira nacionalidade. E, como se não bastassem tão poderosos visinhos para jugularem a Prussia, em quaisquer pretensões de engrandecimento, ainda a Saxonia dispunha, a oeste, de recursos bastantes para se lhe impôr, e a Suecia, ao norte, tambem fazia valêr as recordações do grande poder, que adquirira durante o reinado de Carlos XII. A situação não podia ser mais delicada para a Prussia, obrigando-a a sofrer a lei imposta, ora por uns, ora por outros, daqueles inoportunos visinhos e dos seus eventuais aliados.

Frederico II, na força da vida (28 anos), dispondo de tanta

actividade fisica como de espirito, audacioso, bastante culto para a sua epoca e economico, julgou indispensavel modificar profundamente a desagradavel situação do país por meio de providencias energicas, mas prudentes, a fim de conseguir que o titulo de Rei, que herdára, correspondesse inteiramente ao exercicio dos correlativos direitos, proporcionais á grandeza do genio de que se reconhecia possuidor.

Para esse fim se preparou, sem excitar a atenção estranha, dispensando, simultaneamente, os mais desvelados cuidados á organização do poder militar e á constituição da fazenda publica. E, quando verificou que dispunha, não só de um exercito de 72.000 homens, convenientemente adextrado nos processos de combate, que ele proprio havia modificado em termos radicais, mas de um verdadeiro tesouro de guerra, correspondente ás despesas a realizar, sedento já do amor da gloria, cubiçoso do poder e convencido de que o seu povo não deixaria de o auxiliar fervorosamente na cruzada, que concebera e até se acórdava com a mentalidade nacional, começou por exigir da Austria a restituição de parte da Silesia, que, por esta, havia sido usurpada á casa de Brandeburgo.

O facto deu origem a essa famosa guerra, em que a França, a Espanha, a Polonia, a Sardenha, o Eleitor de Colonia e o Eleitor Palatino se ligaram á Prussia, para compartilharem da herança dos Habsburgos, deixando apenas a Maria Teresa, Imperatriz da Austria, com a Hungria, os Países Baixos, a Baixa Austria, a Estiria, a Corintia e a Carniola. Sem seguir as diferentes fases dessa campanha, por nos ser desnecessario para o fim que temos em vista, basta que acentuemos haver Frederico II negociado a paz com a Austria, a 28 de julho de 1742, logo que conseguiu o seu objectivo, que era a aquisição da alta e baixa Silesia e da Moravia, e isto sem se preocupar com a sorte dos seus aliados, que continuaram a guerra com sorte varia.

A paz geral só foi estabelecida pelo tratado, denominado de Aix-la-Chapelle, de 18 de outubro de 1748, graças á aliança que a Imperatriz Maria Teresa concluiu com a Polonia e a Russia, sendo esta a primeira vez que este ultimo Estado tomou parte directa nos sucessos da Europa meridional. Do resultado da luta finda, as potencias haviam reconhecido que muito se poderiam prejudicar mutuamente, mas que eram impotentes para se destruirem. E' extremamente curioso, pela sua actual

oportunidade, o seguinte periodo, em que se constata este facto, escrito pelo proprio Frederico II nas suas *Memorias*, obra esta em que descreve a acção politica e militar por ele desenvolvida durante o seu reinado:

«Desde que a arte da guerra se aperfeiçoou, e que a politica soube organizar o equilibrio de forças entre os principes, as grandes emprêsas só raramente conseguem atingir os efeitos, que delas se aguardavam. Com forças iguais de ambos os lados, e a correlativa alternativa de revezes e triunfos, succede que, no fim da guerra, por mais encarniçada que ela seja, os adversarios se encontram quasi que ão estado em que estavam, quando ela teve começo. O esgotamento das finanças acaba por conseguir a paz, que deveria ser motivada pelo espirito humanitario e não pelas exigencias de tal facto.»

É privilegio dos grandes espiritos lavrar sentenças deste têor, as quais, com o decorrer do tempo e a lição dos factos, mais sobrelevam na sua exactidão. Como sucedera em 1742, tambem tem sido o equilibrio das forças internacionais o que tem feito prolongar a guerra, que vai travada desde 1914, a qual ameaça, como então, terminar sómente pelo esgotamento das finanças ou pelo extenuamento dos combatentes, se a America não intervier poderosa e energicamente.

Mais do que a lição recebida, e que deixou registada nas palavras precedentemente transcritas, teve acção no espirito de Frederico II a lei natural, que rege toda a animalidade, e incita os fortes a destruirerem os fracos. Logo que julgou recuperadas as forças nacionais, e aproveitando as hostilidades abertas, em junho de 1755, entre varias nações, devidas aos agravos feitos pela Inglaterra ás colonias francesas da America, agravos cometidos sem que houvesse precedido a competente declaração de guerra, Frederico II pronunciou-se bruscamente pela aliança com a Inglaterra. A Austria, em compensação, declarou-se em favor da França, bem como o eleitor da Saxonia e o rei da Suecia. Por ultimo, como ao deante veremos, a Russia unia-se a esta coalisção, separando-se da Inglaterra, á qual durante a primeira parte da campanha, estivera aliada. Era já o pronuncio da politica de defecção, que viria a constituir a norma do seu procedimento. De um lado, o poder militar era represen-

tado por meio milhão de soldados; do outro, apenas por uns 200.000.

A historia não apontava outra liga mais temerosa. A França, a Austria, a Russia, a Saxonia, a Suecia e a Confederação Germanica deveriam assediá-las por todas as fronteiras a monarquia de Frederico II. Os despojos desta, estava acordado, deverem ser partilhados do modo seguinte: a Austria, ficaria com a Silesia; a França, com uma parte dos Países Baixos; a Russia, com a Prussia oriental; a Saxonia, com o Magdeburgo; a Suecia, com uma parte da Pomerania.

A tão formidável coalizão dos Estados enumerados não fôra alheia a vaidade ofendida de quatro das damas, que então governavam ou exerciam influencia preponderante nos respectivos países, as quais Frederico II profundamente havia magoado.

Foi a primeira delas a Imperatriz de Austria, Maria Teresa, a mais austera das mães e a mais orgulhosa das princesas, que não se havia dignado, comtudo, cartear-se com a amante favorita de Luiz XV, a marquesa de Pompadour, dando-lhe o titulo de prima, tendo como um dos principais moveis de tal procedimento a intenção de destruir a Prussia, a fim de assim se vingar das criticas mordazes de Frederico II, que incessantemente com elas visava aquella soberana, então auxiliada nos conselhos de Estado pelo cardeal de Bernis e o principe de Kaunitz.

Por seu turno, M.^{me} de Pompadour não era mais poupada nas repetidas facecias com que Frederico II procurava ridicularizar quem quer que lhe não merecesse a sua consideração. Atingida duramente na sua vaidade por este soberano, e acariciada e exaltada, em contraposição, por Maria Teresa, tornou-se aquella marquesa, que na côrte tinha a influencia preponderante, a mais activa propugnadora da aliança com a Austria, a qual conseguiu ver efectivamente pactuada no tratado de Versálhes, de 1 de maio de 1756, não obstante este ser contrario aos interesses nacionais e merecer a hostilidade da opinião francesa.

Contra a Prussia se manifestou, igualmente, o Eleitor da Saxonia, devido às instigações de sua mulher, a quem Frederico II também havia ofendido a vaidade com as suas mordentes criticas.

Finalmente, a Imperatriz Isabel da Russia, que havia subido ao trôno por uma cabala revolucionaria, a qual lançou nas masmorras de Riga a familia rial deposta, não foi mais poupada

por Frederico II, ao qual votou, por este facto, a mais profunda aversão. E, não obstante a constituição variegada de povos de raças diversas, que constituíam o seu Estado, lhe aconselhar que buscasse nos cuidados da paz a solidificação da obra de Pedro I, não duvidou Isabel entrar na conjuração internacional, urdida pela Austria, vendo nela o meio de se desfazer daquelle seu importuno e caustico depreciador.

Embora as causas da presente guerra sejam de natureza diferente, não pode deixar de se reconhecer que a situação da Alemanha, em 1914, tinha pontos de identidade com a da Prussia, em 1755. Reconheceu-o, em 1910, um dos mais notaveis escritores militares alemães, o general Bernhardi, nas seguintes palavras: «— Actualmente, a Alemanha encontra-se em situação identica à da Prussia, antes da guerra dos sete anos. Em vista das alianças, das *ententes*, dos armamentos e provocações dos nossos visinhos, não se pode ocultar que esteja prestes a rebentar uma nova *guerra dos sete anos, para assegurar a estabilidade da nossa situação no universo*. Seria perigoso tentar iludir-nos, acreditando na impossibilidade de tal guerra, que ninguem, aliás, deseja na Alemanha.» — Afóra a veracidade desta derradeira afirmativa, não se pode deixar de reconhecer que o general von Bernhardi foi previdente, tanto na alusão ao conflito, que se avisinhava, como na longa duração que viria a ter a sua resolução. E, sobre previdente, foi logico no paralelo que fez, entre as duas terriveis guerras.

Na verdade, a situação prussiana tinha, na epoca de Frederico II, grandes pontos de analogia com a da Alemanha do periodo contemporaneo. A Prussia, então no seu periodo de juventude, encontrou-se em face de quasi toda a Europa coligada contra ela, mas não a entibiaram os perigos, que a ameaçavam. Frederico II afrontando-os ousadamente, dirigiu-se à frente do seu exercito para a Boemia, alcançando logo ali uma vitoria memoravel sobre os austriacos. Mas, batido por sua vez em Kœlin, teve que pronunciar a retirada, chegando a desesperar da sorte e a pensar no suicidio. Recobrando breve a ousadia, atacou os seus adversarios em Rosbach e seguidamente em Leuthen, onde lhes inflingiu novas e terriveis derrotas. Ele proprio descreve a situação, então readquirida pela Prussia, nos seguintes interessantes termos:

Talvez nos anais do mundo não conste que, apenas no breve decurso de um ano (1757), e em teatro tão pequeno, hajam ocorrido tão surpreendentes acontecimentos, tantos factos gloriosos, tão inesperadas e quasi miraculosas catastrofes. O rei da Prussia triunfa primeiro; vence todas as forças da Austria e destroe-lhe as suas esperanças. Instantaneamente tudo muda; o exército austriaco repara as suas forças e torna-se vitorioso. O rei, derrotado, abatido, abandonado pelos seus aliados, rodeado de inimigos, encontra-se à beira do precipício; de repente, reanima-se, e repele os exércitos combinados da Austria, da França e da Confederação. Mais além, quarenta mil hanoverianos são subjugados por um numero duplo de franceses, sem terem podido estipular outra qualquer condição, que não fosse a de não serem considerados prisioneiros de guerra, ficando os franceses na posse de todo o território entre Weser e o Elba.

Inopinadamente, porém, os hanoverianos retomam as armas, libertam a sua pátria e, em breve tempo, os franceses só se consideram seguros ocupando a margem direita do Rheno. Durante esta campanha, entraram na luta 400.000 homens, foram travadas seis batalhas formais e destruidos tres exércitos. Os franceses, reduzidos à ultima miseria, ficaram aniquilados sem combate; os russos, embora triunfantes, fugiram, como se tivessem sido vencidos; cinco grandes potencias, depois de se haverem ligado para aniquilarem um Estado proporcionalmente pequeno, reuniram todas as suas forças contra êle, e foram vencidas».

E, com a maior das modestias, aquele soberano confessa, mais adiante, que tão extraordinários resultados antes haviam sido devidos ás faltas dos seus adversários do que aos próprios méritos.

No ano immediato (1758), em que havia sido pactuado um armistício com os austriacos, quando os russos invadiram a fronteira prussiana, que lhes era limitrofe, Frederico II transpondo com 14.000 homens não menos de trezentas milhas em vinte e quatro dias, atingiu-os em Custrin, derrotando-os. E, voltando-se novamente contra os austriacos, que já então assolavam a Saxonia, obrigou-os à fuga.

O ano de 1759 foi, porém, de privação. Havendo sofrido em Kunesdorf a mais completa derrota, sendo-lhe salva a vida com muita dificuldade por um dos seus officiais, o seu desa-

nimo chegou ao ponto de escrever ao ministro: — «Está tudo perdido. Salvei a família real e os arquivos. Adeus para sempre!» —. Os austro-russos avançaram nesse momento em direção a Berlim, lançando enormes contribuições sobre as localidades invadidas, praticando as maiores atrocidades e semeando por toda a parte a destruição.

○ Mas Frederico, indignado com tal procedimento, aspirando à devida vingança, recuperou as forças abatidas, ordenou novo recrutamento, constituiu bases de abastecimento, devidamente abastecidas, e, em novembro de 1760, aniquilou os austriacos novamente, primeiro em Liegnitz e depois em Torgau, onde foi travada uma das batalhas mais sangrentas de que reza a história. Não menos de 400 peças de artilharia metralharam os prussianos, dizimando os seus famosos granadeiros. Já em Viena se cantava um *Te-Deum* de graças, e se declarava Frederico despojado de todos os seus cargos e privilégios, quando chegou a comunicação de que era êle quem havia vencido.

Vendo a Rússia seriamente empenhada na sua derrota, Frederico, auxiliado eficazmente pela Inglaterra, conseguiu que a Porta e o Khan dos Tartaros se erguessem contra aquela potencia. Era então a alma do gabinete inglês o famoso estadista Pitt, que fez com que o parlamento proclamasse como nacional e de interesse comercial a guerra, que ia travada, o que valeu ao rei da Prussia continuar a receber os subsidios, que até ali lhe haviam sido satisfeitos pela sua aliada. Ao mesmo tempo, as esquadras inglesas atacavam duramente as colonias francesas na Asia, na Africa e na America, das quais se assenhoriavam.

Foi nessa crise violenta que o duque de Choiseul, então primeiro ministro de Luiz XV, negociou o célebre «Pacto de Família», tendente a constituir uma coalisão entre todos os membros da casa de Bourbon, que exerciam a soberania em diferentes Estados. Fernando VI, de Espanha, havia-se recusado a aderir a tal pacto, desejando manter-se neutral, recusando fazer causa comum com a França, embora a troco da restituição de Mahon (no arquipelago das Baleares), de que ela se havia aposado, e também a aderir à Inglaterra, que lhe ofereceu Gibraltar e ainda outras boas compensações na América. Mas, havendo falecido aquele monarca, Carlos III, que lhe sucedeu, ade-

riu ao «Pacto de Família», receoso de que a Inglaterra ainda se engrandecesse mais, aniquilando a esquadra francesa.

Embora esse convenio houvesse sido conservado por algum tempo secreto, os ingleses tiveram dele conhecimento e atacaram a Espanha, em 1762, conseguindo que Portugal fizesse causa comum com eles. Desta pagina da nossa história conhecem os leitores o bastante, para que possam dispensar quaisquer informações, que alongariam demasiado esta exposição, a qual desejamos tornar, quanto possivel, sucinta, sem prejuizo da clareza da lição histórica, que pretendemos recordar.

Mas, em outubro daquele ano, falecia o rei de Inglaterra Jorge II, que havia concedido a sua inteira confiança a Pitt, e este estadista teve de abandonar o poder, cedendo-o ao partido *tory*, mal predisposto contra Frederico II. Logo a seguir, morria a Imperatriz da Russia, e o seu sucessôr, que foi Pedro III, amigo pessoal do rei da Prussia, e que já havia antecedentemente protestado contra o procedimento para com êle havido, suspendeu imediatamente as hostilidades, restituindo tudo quanto os russos haviam ocupado no território prussiano. Destronado violentamente, porém, pouco depois da sua ascensão ao trono, a Impetriz Catarina, que sucedeu áquêle soberano, suspendeu igualmente a expedição dos auxílios, que Pedro III destinava à Prussia, e já haviam começado a chegar à Silesia, mas confirmou o tratado de paz elaborado. Nêsse mesmo ano de 1762, a Suécia acordava-se igualmente com a Prússia, de modo que Frederico II viu reduzidos os seus adversários aos austríacos, franceses, saxões e imperiais.

Então se abriu nova campanha, que não apresentou factos especiais dignos de nota, para o caso de que estamos tratando. Mas, a defecção da Rússia havia abalado profundamente o ânimo de Maria Teresa, de Austria, que era a alma da coalisão contra a Prússia, e êste facto, junto ao grande esgotamento de forças materiais e financeiras em que se encontravam os diferentes Estados em luta, fez com que éla solicitasse a paz, a que tôdos aderiram imediatamente. Os tratados de Paris, de 10 de fevereiro e de Hubertsburgo, de 15 de fevereiro de 1763, o primeiro com a França e o segundo com a Austria, terminaram essa famosa luta, conhecida na história pela denominação «guerra dos sete anos», na qual, segundo refêre o próprio Frederico II, morreram 899:000 homens, sem resultados dignos de nota, por-

quanto se manteve o *statu quo* europeu, existente no momento em que a luta fôra encetada. A Prússia não perdeu uma polegada de terreno e conquistou logar entre as grandes potências, que passaram a ser cinco, o que a habilitou a ser ouvida em todos os assuntos de alta política mundial.

Não nos parece que seja, também, inteiramente inoportuno transcrever o juízo feito pelo próprio Frederico II, ácerca da referida campanha, o qual consta da parte das suas *Memorias*, intitulada—*História da guerra dos sete anos*—, obra que figura nas estantes de todos os pensadores ilustres, quer sejam estadistas, quer militares. Dêsse juízo concluiremos, que os mesmos erros produzem identicos desastres, sejam quais fôrem os povos, que os pratiquem, e a epoca em que succedam.

É por isso que a história, mais do que qualquer outro ramo de conhecimentos, deve ser a cultura preferente para os individuos, que têm a seu cargo a direcção superior dos negócios políticos ou militares dos Estados.

Para comprovar o asserto, vamos dar a palavra a Frederico II:

«Se examinarmos as causas, escreveu êle, que fizeram evolucionar os factos de modo tão inesperado, verificaremos haverem sido as seguintes razões, que impediram a perda dos prussianos: a falta de acôrdo e de harmonia entre as potências, que tomáram parte na grande aliança; a heterogeneidade dos seus interesses, que lhes não permitiu estabelecer a unidade de vistas com respeito a determinadas operações; a falta de união entre os generais russos e austriacos, que os tornava circunspectos, quando a ocasião determinava que procedessem vigorosamente, para esmagar a Prússia, como o poderiam na verdade ter feito; a política refinada e requintada da côrte de Viena, cuja orientação a levava a entregar aos seus aliados as empresas mais difíceis e perigosas, para assim poder conservar, para o fim da guerra, o seu exército em melhor estado e mais numeroso que o das outras potências, donde veiu a resultar, por várias vezes, que os generais austriacos, por uma exagerada circunspecção, deixáram de vibrar o golpe decisivo nos prussianos, quando a situação dêstes se havia tornado desesperada; a morte da imperatriz Izabel da Rússia, com a qual ficou sepultada no mesmo túmulo a aliança com a Austria; a defecção dos

russos e a aliança de Pedro III com o rei da Prússia, e, finalmente, os socorros por aquêles enviados para a Sibéria.

«Se examinarmos, por outro lado, as causas das perdas que os franceses experimentáram nesta guerra, havemos de reconhecer a falta, que cometeram, ao ingerirem-se nas perturbações da Alemanha. A espécie de guerra, que êles sustentávam com os ingleses, era marítima; modificáram o seu procedimento, e abandonáram aquêle fito principal para correr após uma questão, que lhes não interessava. Haviam obtido, até então, vantágens no mar contra os ingleses; mas, desde que distraíram a sua atenção para a guerra terrestre, desde que os seus exércitos, que operávam na Alemanha, lhes esgotáram os fundos, que necessitávam empregar no aumento das esquadras, a sua marinha encontrou-se privada dos recursos indispensáveis, e os ingleses ganháram um ascendente, que lhes deu a vitória nas quatro partes do mundo. Além de que, as somas excessivas, que Luís XV pagáva a título de subsídios, e as que custáva a manutenção dos exércitos, que operávam na Alemanha, saíam do reino, o que diminuía de metade a quantidade de numerário em circulação, tanto em París, como nas províncias; por cúmulo de humilhação, os generais escolhidos pela côrte para comandarem os exércitos, que se julgávam Turennes, cometeram as mais grosseiras faltas».

De todas estas causas enumeradas, porém, foi a defeccção russa a que teve influênciam formal na salvação da Prússia, porque a ela sómente foi devido o desanimo operado no espírito da Imperatriz Maria Teresa, que a levou a propôr a paz. Ao fementido procedimento de Paulo III e da Imperatriz Catarina para com os seus aliados deveu Frederico II, o monarca mais tirano e cinico dos tempos modernos, quaisquer que sejam os grandes méritos que lhe não possam ser justamente contestados, a sua conservação no trono e a integridade dos seus Estados.

* * *

A segunda defeccção russa ocorreu após o tratado de Tilsit, de 8 de julho de 1807. Na conferencia, então realizada nessa localidade, o imperador Alexandre havia ficado por tal modo en-

cantado com Napoleão, que a França julgou se tornaria de futuro inabalável a união dos dois impérios. Três instrumentos diplomaticos distintos redundaram daquela conferencia :

Um tratado ostensivo da França com a Russia, e outro da mesma natureza da França com a Prussia, contendo cada um deles dois artigos secretos ;

Um tratado secreto de aliança ofensiva e defensiva entre a Russia e a França, acerca do qual os pactuantes se obrigavam a guardar segredo absoluto, emquanto não estivessem de acordo na sua publicação.

O ultimo, que era o mais importante dos referidos convenios, continha o compromisso, por parte da Russia e da França, de fazerem causa comum em todas circunstancias occorrentes, unindo as suas forças de terra e mar para a hipotese de qualquer guerra, que houvessem de sustentar ; de ambas se imporem pelas armas à Inglaterra, se esta não aceitasse as condições combinadas com respeito à Turquia, e que deveriam ser-lhe comunicadas pela mediação da França, e, neste ultimo caso, acordavam ainda as duas potencias pactuantes em subtrairem as regiões europeias às vexações da Porta, exceptuando Constantinopla e a Romelia. Ainda as duas potencias se comprometiam a intimarem juntas Suécia, Dinamarca, Portugal e Austria para colaborarem na execução dos projectos da França e da Russia, fechando os seus portos à Inglaterra e declarando-lhe a guerra.

Os dois Estados não podiam ligar-se por compromissos mutuos mais intimos e completos. Mas a transformação da politica, que se comprometera a seguir, veremos que não podia, também, ser mais pronta por parte do Imperador Alexandre. Abandonando Tilsit, este monarca, no auge de entusiasmo, abrigava a convicção de que se ía tornar o immediato executor do grande programa politico, concebido pela Imperatriz Catarina, dilatando os seus domínios não só pela Filandia, mas ainda por todás, ou sequer pela parte mais importante, das regiões danubianas. Ainda na conferencia de Erfurt, em outubro de 1808, aquele entusiasmo se mantinha tão vivido, que, numa das suas expansões, o monarca não duvidou confessar, que seria com a mais viva satisfação, que veria partilhar uma de suas irmãs o trôno francês com Napoleão. Se tal projecto de casamento, não teve seguimento, nem por isso deixou de ser concluido

novo tratado secreto de aliança, renovando solenemente o anterior de Tilsit, regulando o procedimento a seguir com a Inglaterra e garantindo para a Russia a aquisição da Filandia, da Valaquia e da Moldavia, em troco da garantia da consolidação no trono de Espanha do rei José, irmão de Napoleão.

Dissémos anteriormente que a transformação da attitude tomada pelo Imperador Alexandre em Tilsit, e repetida depois em Erfurt, não podia ter sido mais pronta. Efectivamente, no dia 24 de junho de 1812, era lida ao exército francês, então já acampado na margem do Niemen, a seguinte proclamação, na qual Napoleão sumariamente dava conhecimento do procedimento seguido pela sua aliada:

«Soldados: Começou a segunda guerra da Polonia. A primeira terminou em Friedland e em Tilsit! . . . Em Tilsit a Russia jurou eterna aliança à França e a guerra à Inglaterra. Hoje, viola os seus juramentos e não quer explicar o seu extraordinario procedimento, que levou as aguias francesas a repassar o Rheno, deixando por tal motivo os nossos aliados à sua descrição . . . A Russia vai arrastada pela fatalidade e os seus destinos devem ser cumpridos. Por ventura julga ela que estamos degenerados? Teremos deixado de ser os soldados de Austerlitz? Colocou-nos ela entre a deshonra e a guerra: a nossa opção não pode oferecer duvida. Marcheimos, portanto, para a frente, passemos o Niemen, levemos a guerra ao seu território. A segunda guerra da Polonia será gloriosa para os exércitos franceses. Mas a paz que haveremos de concluir terá em si própria a sua garantia: porá um termo à funesta influêncía, que a Russia exerce, ha ciccoenta anos, nos negocios da Europa».

As lições, que ficam expostas, não aproveitaram à França. As amarguras derivadas da campanha de 1870-1871 e os successivos agravos, que lhe foram posteriormente feitos pela Alemanha, afervoraram-lhe no animo a ideia da desforra, exacerbando-lhe o rancôr contra a sua fidagal inimiga. Ora, as paixões são sempre más conselheiras e, no caso em questão, obliterando as lições de 1762 e 1812, levaram a Republica a contrair nova aliança com aquele mesmo Estado, que já por duas vezes se mostrára infiel a comprimissos tomados de identica natureza.

Pouco mais de um século decorrido, a história descrita repetiu-se nos nossos dias. Aquele mesmo exército que, em 1914 e 1915, esteve quasi a pronunciar a invasão da Prussia e Austria; que demonstrou seguidamente, em horas de provação, as mais belas qualidades de resistencia, na retirada do verão de 1915, e que, em 1916, retomou a ofensiva sob o comando do general Broussiloff, nos fins de 1917 arrojava as armas para o lado, recusando-se ao combate e transformando-se em bandos sectaristas, que na própria patria semeavam a ruina, a delapidação e o terror entre os seus compatriotas! Comentando o facto, escrevia recentemente outro general francês: «— Que é feito dos soldados russos de Pedró o Grande, de Catarina II e de Souvaroff? Desses soldados de quem Napoleão dizia, não ser forçoso sómente mata-los, mas empurra-los para os fazer cair! Onde estão egualmente os soldados de Alexandre II, que chegaram até Paris, os de Totleben, de Skobelef e até os próprios que lutaram contra os japonezes em 1904?»

Era estranha a pergunta da parte de um escritor, que tem revelado os melhores dotes criticos, e não podia ignorar que a revolução social invadia, de ha muito, as diferentes classes russas, o que não permitia que o exercito ficasse indemne á sua respectiva acção dissolvente. As paixões sectaristas têm o poder de abalar absolutamente as melhores instituições militares, quando se infiltram nas suas fileiras, ainda que nestas reine o melhor espirito de ordem e de disciplina. Se outrora sucedia que tal facto se não repetisse, e que os exercitos fossem o instrumento, que servia aos poderes publicos para manter inabalaveis as instituições vigentes, é porque o sistema de recrutamento tornava dos elementos, que constituíam a força publica, uma casta especial, na qual não vibrava inteiramente a alma nacional, senão naqueles momentos angustiosos, em que se tornava necessário recorrer à circunscrição forçada para assegurar a salvação nacional, processo a que Napoleão deveu os melhores dias de gloria, e deu causa a que os seus soldados derramassem por toda a Europa os principios da liberdade, dominantes em seus espíritos.

Hoje, que os exércitos tem como base da sua constituição

o recrutamento pessoal e obrigatorio, pelo que representam as nações armadas, a alma nacional vibra neles com todas as poderosas paixões, que dos mais fundos abatimentos se elevam às mais grandiosas manifestações do espírito, sem háver processos violentos, nem repressões de tribunais, que entibiem as explosões do sentir do povo. A disciplina dos exércitos baseia-se essencialmente no character da raça e na educação recebida no seio das famílias e nos bancos das escolas, sobretudo no alto espírito patriótico, que ela tenha conseguido derramar na mocidade. Se a acção dessa educação se não faz sentir, a disciplina deixa de ter consistencia. A primeira razão de ser da solidiez do exército alemão está no sistema de cultura educativa. Repete-se inconsideradamente a miudo, dando sentido errado ao assunto, que ao mestre escola deve a patria alemã a grandeza actual. O facto tem bastante de verdadeiro, mas essa influencia mais é devida à acção patriótica e moral exercida pelo mestre nos discipulos, do que aos desvelos puramente literários. E' na escola alemã que se avivam as grandes virtudes civicas, já de si atavicas, que distinguem a raça germana, e que os pedagogos procuram engrandecer sucessivamente, fazendo crêr aos educandos que a Alemanha é a nação mais gloriosa do mundo, e que os seus filhos estão destinados pela Providencia a exercer a hegemonia universal. Cada soldado tem na sua alma gravados em traços indeleveis, avivados e engrandecidos pelo mestre escola, os seus deveres civicos, e é por tal motivo que êles se lançam cega e obedientemente contra o inimigo, com desprezo completo pela morte, como actualmente se está presenciando nos campos devastados da gloriosa França.

Honrar os adversários, reconhecendo-lhes as virtudes, é dever de todo o cidadão leal e honrado, tanto mais que o facto constitui a melhor das propagandas para que essas virtudes sejam cultivadas e desenvolvidas, por seu turno, entre os próprios nacionais.

Sempre a Russia esteve longe de poder egualar a Alemanha nas suas causas de grandeza, e a raça eslava, que a domina, de se poder equiparar nos méritos à raça teutonica. Esta aceitou inteiramente a acção civilizadora, embora conservando os primitivos characteres rigidos e severos, que a distinguam, desde remota data. A raça eslava, pelo contrário, é de natureza semi-asiatica, possui uma alma indecisa e imprecisa,

demasiado renitente à acção da civilização. Quasi todas as suas indústrias, as escolas profissionais, as instalações electricas, os caminhos de ferro, etc., eram criação dos estrangeiros, antes da presente guerra, entre os quais os alemães haviam adquirido logar preponderante. Um viajante illustre, que percorreu o país dominado por um elevado espirito de observação, condensou nas seguintes palavras o resultado desse exame:

«Administração corrupta, rotina, preguiça; favoritismo, arbítrio, desprezo pela justiça, desconhecimento de todos os direitos, ainda os mais elementares, violação constante das liberdades prometidas, tal é o regime de violencia e opressão consagrado no país. . . Ha duas Russias: a que governa e a que é governada, separadas por um abismo cada vez mais profundo e mais longo, onde só um alto bom senso e uma forte vontade, que não existem, poderiam aproximar os respectivos bordos».

Conhecia bem a alma russa o Príncipe de Bismarck, e, por isso, foi que, quando se encontrou em situação de ter de optar entre a sua amizade e a dos austríacos, que se haviam incompatibilizado entre si, pela natureza das respectivas ambições nos países balkânicos, sem vacilar, optou pela aliança austro-hungara.

O tratado negociado entre os aliados, já depois de declarada a guerra actual, no qual se comprometeram a não firmar em separado a paz com o inimigo comum, igualmente obedeceu à desconfiança em que a Inglaterra tinha o carácter russo. Embora secretos, não o foram tanto, que esta potência não viesse a conhecer os trabalhos urdidos, dentro do próprio governo russo, no sentido de fazer reproduzir nos dias de hoje o procedimento adoptado, havia século e meio, por Paulo III. Mr. Barrière, na *Revue de Paris* de 15 de março de 1916, afirma ser o Grão Duque de Darmstadt, irmão da czarina, quem inspirava e animava esse movimento de felonía, aos compromissos livremente contraídos para com os aliados. E, acrescentou ainda que, desde o advento da guerra, até abril de 1915, o departamento da policia do ministério do interior se tornou um foco de traição, que os verdadeiros patriotas russos só conseguiram extinguir à custa de grandes esforços, devido à protecção que lhe dispensavam os mais poderosos personagens. Do exército

activo formávam parte mais de 200 generais, que, ou eram de origem alemã, ou mal encobriam a sua simpatia pela Alemanha, como sucedeu a Rennenkampf, que teve de ser substituído no comando, que exercia, por virtude da sua inacção, sempre que se encontrava perante os exércitos germânicos. O general Rousky, comandante do exército do nordeste, surpreendido pelo facto do inimigo se mostrar conhecedor dos movimentos russos, descobriu que as informações lhe eram transmitidas por um dos chefes da repartição do ministério da guerra, o coronel Miassoíédof. Os pasquins encontrados na busca feita na bagagem deste official, a qual foi devida à intervenção pessoal do Czar, provaram que elle comunicava ao inimigo, e freqüentemente ao próprio Kaiser, todas as ordens do grande quartel general russo, e que, para idêntico fim, buscava igualmente obter os projectos do grande quartel general francês.

Em resultado do que, foi enforcado com meia dúzia de judeus, seus cúmplices. O ministro da guerra Soukhomlinow, suspeito de conivente nessa traição, foi demitido e preso, e o conselheiro de Estado Freinat condenado a trabalhos forçados. Dos altos funcionários do ministério dos negócios estrangeiros, dizia um importante jornal russo, que eram quasi todos procedentes de Berlin, onde ocupavam situações insignificantes, anteriormente à célebre entrevista de Potsdam, em 1910. E, o próprio ministro Sazonov não mereceu apodos menos violentos do que os transcritos.

Sejamos justos e não atribuamos apenas aos elementos populares as responsabilidades da defecção russa. O exemplo e incitamento partiram das classes mais elevadas da sociedade. Não é hoje desconhecido que, seguidamente à conquista de Lamberg, já dois dos ministros haviam apresentado ao Czar uma nota, estimulando essa defecção por meio de uma proposta à Alemanha, para paz separada, a qual nota continha o seguinte período: — «Nada há que separe a Rússia da Alemanha. Os seus princípios de govêrno são idênticos. O seu inimigo comum é a democracia occidental. A terminação imediata da guerra, entre os dois impérios, asseguraria a aniquilação definitiva desse inimigo eterno, pelo exército alemão. . . »

Desnecessário se torna insistir na demonstração, de que a defecção da Rússia, no momento terrível em que ella se verificou, não é obra apenas de um movimento popular sectarista,

mas representa a inferioridade dos sentimentos e conceitos, que definem a alma russa, e a levaram a cometer hoje, como há cêrca de século e meio e de um século, os mesmos actos, que nós, os latinos, reputamos de felonía. Tão certo é que a cultura do espírito só assegura o desenvolvimento da intelligência, mas é impotente para alterar os elementos ancestrais, que definem a mentalidade das raças. Cada uma destas, faz da moral o conceito que a sua mentalidade lhe permite. Os maximalistas, que solicitaram hoje da Alemanha a paz separada, como Paulo III há século e meio, entendem que o seu procedimento é absolutamente correcto, e que, superior a todos os compromissos internacionais dos govêrnos, se erguem as conveniências especiais da política e os interêsses internos. E, nesta crença selvá-gem rasgaram o tratado, que lhes impedia a aceitação da paz separada, com o mesmo ânimo leve com que se recusaram depois a reconhecer os compromissos contraídos pelo Estado na celebração dos empréstimos nacionais. Como bem disse recentemente um distinto escritor nosso compatriota, é assim que na Rússia esfacelada nada se paga hoje, — nem as dívidas de dinheiro, nem as dívidas de honra.

O momento histórico, que atravessamos, é grave demais para que possamos dispendê-lo em considerações filosóficas. Basta que registemos a nossa profunda indignação pelo procedimento da Rússia, que permitiu que os seus antigos e liais aliados, os ingleses, os franceses, os belgas e os portugueses, se encontrem neste momento sob a acção esmagadora de todo o enorme poder militar alemão, inteiramente liberto de adversários no teatro da guerra oriental, o que lhe permitiu a sua concentração no ocidental. Não pode ser feliz uma nação que procede tão deslialmente, e, por isso, no seu completo desmembramento éla começa a sofrer as consequências de tal acto. Para iniciar a obra da constituição desse famoso império eslavo, que chegou a atingir dimensões colossais, foi indispensável que assumisse o govêrno do Estado um soberano da envergadura de Pedro I; para realizar a destruição de tão magna empreza bastaram alguns espíritos devaniadores, cujos nomes não chegarão à posteridade.

Quais as consequências da operada revolução russa? É esta a questão importante, que neste momento importa esclarecer, pelas suas consequências presentes e futuras, se os aliados não

podérem conseguir impôr a sua vontade, destruindo as inúmeras legiões alemãs que pretendem esmagá-los no teatro ocidental da luta.

A principal das resultantes da defecção russa consiste em haver sido estabelecida, ao longo das fronteiras orientais da Alemanha e da Austria-Hungria, uma série ininterrupta de Estados, aparentemente independentes, mas realmente tutelados por aquêles Impérios, os quais constituem vanguardas económicas e postos avançados militares da projectada Europa Central (*Mittel-leuropa*). O complemento de tal pensamento, já francamente exposto pelo general Hindenburgo, será o avançamento das antigas fronteiras da Prússia oriental, de modo a obstar à repetição dos acontecimentos ocorridos em 1914 e 1915.

Sendo assim, triunfará o programa mínimo pangermanista, na parte referente à constituição da fronteira oriental alemã, e, pelo que respeita à do oeste, em que êle consiste na separação da Flandres e da Valónia e na anexação da região de Briey, os generais Hindenburgo e Ludendorff, lá estão empenhando as mais extraordinárias violências para igualmente conseguirem a sua realização.

Por isso, revelando mais uma vez as aspirações de hegemonia universal, que sempre tem dominado a alma alemã, dizia, a 18 de fevereiro último, na Liga dos agricultores, um dos seus mais notáveis membros, M. Oldenburgo Januschan :

«O coração da Alemanha não bate em Wilhelmstaasse, nem no Reichstag, mas sim no Grande quartel general. O nosso império não é o de renuncias, mas o da fôrça e do domínio perpétuo».

Perante pretenções de tal natureza, é que se revêla toda a importância da defecção russa. Tenhamos confiança, porém, visto a última palavra ainda não ter sido pronunciada. É de crêr que os anglo-saxónios e os latinos, mantendo-se todos igualmente firmes nos compromissos tomados, sejam os que venham a pronunciar-lá, e isto quaisquer que sejam as contrariedades sofridas. Se assim vier a suceder e a América realizar a melhor parte dos seus propósitos, o futuro dirá qual a sorte definitiva daquêla Rússia, hoje inteiramente dominada pela anarquia e esgotada economicamente, como castigo da felonía que uzou para com os seus aliados.

GENERAL MORAES SARMENTO.

Projecteis iluminantes e o combate nocturno

A ideia de iluminar o campo de batalha durante a noite, por meio de luz artificial mais ou menos intensa, não é moderna; realisou-se nos diversos períodos da história militar das nações, sobretudo a partir da época de Luís XIV, naquelas em que as composições de artifício foram freqüentemente empregadas nas guerras de movimento e de sitio ainda pelos mais antigos países.

Sem dúvida que os nossos antepassados praticavam pouco a guerra de noite, e sabe-se que a maior parte das vezes, quando uma batalha não terminava ao pôr do sol, e se nenhum dos adversários queria considerar-se vencido, as tropas descansavam nas posições que ocupavam respectivamente e a luta recomeçava ao amanhecer.

Por conseguinte, uma batalha nas trevas não era possível, e até ao período moderno, isto é, até ao século XVIII, os exércitos não dispunham de luz suficientemente poderosa para transformar a noite em dia. Os seus únicos aparelhos de iluminação para ir à procura dos feridos no campo de batalha, durante a noite, eram simplesmente a lanterna e o archote.

Emfim, a batalha nocturna oferecia tais perigos para as tropas que a empreendiam, que os comandantes afastavam essa ideia quaisquer que fossem as vantagens que se podesse alcançar.

Quantas vezes não se tem visto em pequenos combates que se fazem correntemente, empenhando apenas fracos efectivos, terríveis equívocos cometidos: um batalhão e um regimento amigos, tomando-se por adversários, fusilarem-se mutuamente.

Não nos referimos ao caso de que seja de absoluta necessidade bater-se durante a noite, como succede em certas situações desesperadas, para se abrir um caminho, para surpreender

o inimigo ou tentar um golpe de mão protegido pela obscuridade. Nestes casos não só não é prejudicial mas indispensavel para assegurar o exito.

Há ainda outros motivos para que as tropas não se batam, salvo algumas excépções, senão durante o dia: o medo instintivo que em geral o homem tem às trevas.

Em geral, Jusuf, pinta pela seguinte fórma as impressões do soldado durante a noite:

«De noite a sua imaginação exalta-se e experimenta a impressão do desconhecido. Essencialmente mōvedição, pronto a influenciar-se, a tentar a meudo executar durante o dia acções heroicas incriveis, êsse mesmo soldado deixa-se fácilmente arrastar ao desalento, durante a noite, perante um céu escuro.

«Julga vêr mil fantasmas que se movem em redor dêle. Não distingue nada, marcha ao acaso, não sabe onde vai, crê a meudo que se acha perdido.

«As sentinelas, acrescenta o general Bruneau, olham para diante, mas nos primeiros dias não veem nada. Confundem uma pedra, uma planta com um homem que se esconde, o ruido que produz um animal com o passo de um inimigo, e se êste chega a apparecer a meudo, perde a cabeça. O homem isolado, que não tem auxilio ou que êste auxilio se encontra demasiado afastado para que seja eficaz, sente diminuir o seu moral rapidamente, a tensão do seu espirito, perante a ameaça de um perigo que êle julga vêr na obscuridade, determina uma anemia cerebral passageira que lhe faz observar grande quantidade de coisas que não existem senão na sua imaginação. O menor ruido faz palpitar o seu coração, cujas palpitações, repercutidas pelas artérias, parece que tomam uma sonoridade inquietante e, se não se sobrepõe por um esforço de vontade, não é mais que uma máquina humana quando está em presença do perigo real e immediato».

O maior perigo de um ataque nocturno, é o de tomar amigos por adversários. Daquí a necessidade de levarem um distintivo, um pano branco no braço, um ramo colocado na mochila, ou melhor ainda, pôr uma camisa sôbre o capote, mais consagrado pelos exitos obtidos em numerosos ataques effectivados em épocas passadas. Todavia, apesar dos inconvenientes do combate nocturno, pode notar-se uma tendencia a

ser mais freqüentemente empregado à medida que nos aproximamos da actualidade.

Durante o período napoleónico, podem citar-se numerosos casos que foram muitas vezes batalhas e, coisa curiosa, freqüentemente se tornavam vantajosas para os que os empenhavam.

Alguns escritores militares iminentes recomendam-os muito.

O general Dragomiroff, entre outros, diz no seu *Manual da preparação das tropas para o combate*:

«As marchas de noite permitem na ofensiva aproximar-se do inimigo secretamente e na retirada afastar-se rápidamente sem que se dê por isso».

«As acções de noite actuam sôbre o inimigo desfavoravelmente pela surpresa que lhe causam, por lhe impedir poder apreciar as fôrças que o atacam e reduzir a proporções negativas e efeito do seu fogo».

Sabemos que os feitos de guerra modernos corroboraram plenamente as afirmações do célebre preparador de homens, sobretudo no que respeita ao aperfeiçoamento das armas de fogo.

Os efeitos mortíferos das espingardas de pequeno calibre de repetição, das metralhadoras, das espingardas metralhadoras ou de tiro automatico, dos canhões de tiro rápido, permitem, desde há tempos, provar que o ataque durante o dia a uma posição judiciosamente organizada e valentemente defendida, arrostaria para o assaltante perdas consideráveis.

As tropas de assalto seriam dizimadas, desorganizadas, quebradas no seu impulso antes do esforço final se, devido à configuração do terreno, não poderem avançar por lanços até à immediata proximidade do seu objectivo. E ainda neste caso iminentemente provavel, que indomavel inergia, que tèmpera moral não seria necessário para transpor sem vacilar, sob uma chuva de balas e de metralha, o espaço, ainda que reduzido, compreendido entre o último abrigo e a linha de fogo da defesa.

Viu-se na guerra actual, sobretudo no seu inicio, que essas previsões não só não eram exageradas, mas que têm sido inferiores à realidade. Por isso aumentaram os partidarios do combate nocturno, não porque perconisem batalhas campais na escuridão, mas para efectuar surpresas de avançadas, que

permitem arrancar com poucas perdas, um pouco antes do amanhacer, pontos de apoio cuja conquista levaria muito tempo. Semelhantes golpes de mão, preludios de um combate geral, podem influir de uma fôrma muito favoravel sôbre o desenrolar dos acontecimentos, maiormente se por detraz dos destacamentos encarregados das operações desta natureza se tem tido cuidado de reunir forças activas para entrar em linha por sua vez e aproveitar as vantagens obtidas.

Os movimentos preparatorios dessas fôrças far-se-iam também durante a noite a uma certa distancia, atraz da rêde de segurança, de modo a escapar completamente à observação do inimigo.

Sabemos que esta opinião tem prevalecido e actualmente batem-se de noite tão bem como de dia, quando convem fazel-o.

Há, pois, vantagem em atacar de noite: quando se persegue um inimigo cujo moral se acha abalado; quando se queira quebrar a sua resistencia, extenuando-o sem lhe deixar uma base de repouso; para lhe tomar uma obra fortificada em cuja conquista se perderá demasiada gente se se realizar durante o dia; para consquistar pontos de apoio necessários para se aproximar dos objectivos que devem ser batidos ou tomados ao amanhacer; para fazer numerosos prisioneiros; para salvar uma situação desesperada, como abrir caminho atravez do inimigo que o rodeia; durante a passagem de grandes rios, defendidos na margem oposta por trincheiras ou cursos de água cuja margem oposta está occupada pelo inimigo; nas operações de sitio, na guerra imediata a posições fortificadas e, naturalmente, também nas trincheiras, e para tentar um golpe de mão contra um acampamento, vivaque, obra de arte, via ferrea, estação de *étape*, depósito militar, dipósito de viveres e munições, comboio de aprovisionamento, etc.

Se os ataques de noite são vantajosos para as tropas que os empreendem, comprehender-se-há fácilmente que aqueles contra os quais são dirigidos deverão tomar cuidadosamente as precauções para que fracassem.

Por isso é necessário uma vigilancia constante, numerosas sentinelas avançadas e patrulhas freqüentes. Mas as sentinelas avançadas podem ser tomadas pelo adversário; e viu-se anteriormente que é preciso não confiar demasiado nelas; as pa-

trulhas não podem sempre afastar-se muito sem correr grandes perigos.

Além disso, de noite as vistas são muito limitadas e, por conseguinte, a vigilância é forçosamente insuficiente.

O que é preciso, primeiro que tudo, é vêr claro o inimigo e tão longe quanto possível, como se fosse em pleno dia, afim de não perder de vista os seus menores movimentos. E chegar-se há a isso substituindo a luz do dia pelo emprêgo de uma luz artificial. Mas aqui topa-se com obstaculos consideraveis: a falta de aparelhos produtores de uma iluminação suficientemente intensa para derramar uma luz conveniente ao longe e sôbre uma grande extensão de terreno.

Pensou-se primeiro que tudo utilizar os projectores que acabavam de sofrer importantes aperfeiçoamentos, e a luz electrica que principiava a produzir-se relativamente barata, com o auxilio de máquinas.

O primeiro ensaio, e neste sentido teve bom exito, e deu algumas esperanças, foi feito em 1870 durante o cêrco de Paris sob a direcção do engenheiro Basin. O posto luminoso achava-se estabelecido sôbre as alturas de Montmartre, no moinho de la Galette e podia iluminar em um raio de 8 a 10 kilometros de distancia, quasi até à ilha Grunevilliers. Prestou alguns serviços, porque pôde impedir aos alemães atravessar o Sena neste ponto.

A questão dormiu por largo tempo, como muitos outros problemas cuja solução parece espinhosa e não foi novamente tomada em consideração senão 30 anos mais tarde.

Em 1901, com efeito, viu-se aparecer nas grandes manobras de Beauce uma carruagem automovel iluminante. O seu efeito foi mediocre. Desde logo que comprovou que o poder luminoso era demasiado limitado e o gás iluminante muito restricto e que devia ser transportado constantemente em todos os sentidos, tornando a observação fatigante; o menor obstaculo, uma dobra de terreno, uma construção, um muro, a interceptava. Quando se transportava o aparelho para um ponto elevado, para evitar êste último inconveniente, convertia-se então em um alvo excelente para os projecteis inimigos e a sua destruição em curto prazo podia considerar-se segura.

A condução da máquina destinada a fornecer a electricidade (e não podia pensar-se em empregar outra fonte lumi-

nosa) era delicada, sobretudo nessa época em que se carecia de especialistas, e a sua presença na linha de fogo era particularmente incómoda. Enfim, quando se saía da zona iluminada e se voltava à escuridão, esta parecia dupla.

Em síntese, precisava-se de encontrar outra coisa e voltou-se ao sistema dos bons tempos passados, aos foguetes iluminantes de artifício, já em uso no exército de Luís XIV e que desde há tempos haviam sido abandonados, sem que se saiba bem porquê.

Esses foguetes têm um poder iluminante considerável, e fazendo-os queimar no ar convenientemente, pode-se iluminar *a giorno* uma grande extensão de terreno.

A escola pirotécnica de Bourges tinha já feito trabalhos a este respeito, mas as dificuldades da sua solução tornavam-se grandes parecendo sem dúvida ter-se esquecido o processo do seu fabrico na época de Luís XIV, pois exigiu vários anos de pacientes estudos e repetidas experiências.

Em fins de 1901 chegou-se a obter um artifício iluminante que quasi satisfizesse o Estado Maior e, por consequência, foi melhorado e aperfeiçoado. Era baseado em um princípio, que as pessoas pouco versadas na história do nosso material de guerra classificaram de novo, e maravilhosamente simplificado: empregar o projectil da peça para transportar composições iluminantes que, incendiando-se ao estalar, projectavam luz na zona ocupada pelo inimigo. Isto conseguia-se à distancia desejada e até ao limite extremo do alcance da peça.

Além da possibilidade que proporciona poder alumiar muito facilmente e de uma maneira conveniente uma vasta extensão do terreno que se tem interesse em não deixar na sombra, apresenta a vantagem de não ser destruído pelo inimigo, enquanto que o projector, por sua própria natureza, é um ponto fixo impossivel de desenfiar das vistas do adversário e extremamente facil de referir e demolir.

Todas estas propriedades as possuíam igualmente os foguetes luminosos dos nossos antepassados, e é curioso observar que o progresso não passa duma eterna repetição.

Os alemães também quiseram possuir os seus projectores iluminantes. Meteram mãos à obra, e as fábricas Krupp deram-lhe o nome de granada luminosa ou granada projectora. Tem exteriormente o aspecto de uma granada ordinária e contem

dentro um certo número de tubos ou pequenos cilindros que chamam estrelas e que encerram a composição luminosa, composição de artificios mais ou menos análogos à dos fogos de Bengala brancos e que podem, segundo as necessidades, ser substituídas por fios ou fitas de magnésio.

No projectil francês, marcado interiormente com um E seguido de uma estrela, destinado à peça curta de 155, há 8.

Em um alojamento praticado na base de cada um desses tubos colocou-se, dobrado, um pequeno para-quedas de seda.

A granada contem além disso uma carga de polvora muito reduzida cuja missão é: 1.º inflamar a composição iluminante contida nos tubos ou estrelas; 2.º lançar para traz a parte do projectil que está montado apenas por um filete pouco resistente e as estrelas.

Soltas estas últimas, o pára-queda sai do seu alojamento por uma pequena mola em espiral que se distende e graças à organização especial da mola, êle abre-se imediatamente.

O tubo começa então a descer tomando a sua posição normal, isto é, por baixo do pára-quedas, e a extremidade que está ardendo volta para baixo, queima, durante um tempo variando de 45 segundos a um ou mais minutos segundo o modelo, projectando uma viva luz sôbre o solo sôbre a fôrma de um imenso cone que permite distinguir tudo aquilo que há interesse em conhecer para a observação ou referencia. A espoleta da ogiva que inflama a carga de polvora em um momento oportuno, isto é, quando o projectil chegou à distancia designada, é no modelo alemão uma espoleta mecânica de tempos ou com movimento de relojoaria, e no modelo francês uma espoleta de combustão, igualmente de tempos.

Não podemos alongarmos mais sôbre a descripção do projectil iluminante francês, pois seria divulgar segredos da defeza nacional, mas podemos afirmar que temos pelo menos o equivalente do que possuem os alemães nessa ordem de ideias.

A altura da explosão mais vantajosa é a de 300 metros.

Além disso, a direcção deve ser regulada em 150 metros mais ou menos. Pode-se assim observar a 1.000 ou 2.000 metros de distancia. Os alemães possuem um projectil luminoso de um modelo recente, também inventado por Krupp, onde o cilindro estrela foi substituído por um prisma de 6 faces cheio

de uma composição iluminante. Dêste modo evitam-se os vazios e perde-se menos espaço no interior da granada, e além disso, êsse prisma está completamente cheio de uma composição emquanto que o cilindro que não está senão metade, e o pára-quedas dobrado e a mola ocupam a metade superior.

Assim obtem-se mais luz ou um maior tempo de iluminação. O pára-quedas é formado por 6 lâminas ou superfícies móveis, uma das extremidades das quais está fixada em charneira na parte superior do prisma, de tal modo que cada uma corrêponde a uma face do mencionado prisma.

Quando o prisma é projectado da granada pela deflagração da carga, uma mola que se distende faz com que as lâminas tomem uma posição horizontal formando ângulos rectos com as seis faces. Pela resistencia que opõem ao ar a descida é retardada.

Além dos projecteis lançados por canhões, existem outros de menor diametro que se projectam por meio de espingardas ou pistolas especiais, e cujo poder de iluminação é naturalmente inferior.

Há outros que se lançam á mão como as granadas; são verdadeiras granadas de iluminação e de grande utilidade para repelir durante a noite uma linha de assalto dirigida contra as trincheiras. Arroçadas a 30 metros e diante do inimigo, permitem executar um tiro preciso e eficaz, que se se fizesse na escuridão, não teria nenhum resultado como o provam numerosos exemplos.

Servem também aos aeronautas de dirigiveis e aos aviadores para iluminar e referir com precisão os pontos que devem observar e bombardear.

Podem agregar-se aos projecteis iluminantes, as granadas de trajectória visivel e empregadas no tiro contra dirigiveis e aeroplanos.

As difficuldades dêste tiro dependem não sómente de grande mobilidade do objectivo no ar, mas também da incertesa do atirador a respeito do êrro possivel cometido no disparo que acaba de fazer, seja em altura, ou seja em direcção, pois aqui nos encontramos em condições diferentes que em terra, onde a observação dos pontos de queda permitem rectificar convenientemente o tiro defeituoso.

A granada de trajectória visivel remedeia êste inconve-

niente marcando o seu percurso no ar que indica ao observador o defeito inicial do tiro e permite corrigi-lo imediatamente.

Tem a fôrma ordinária da granada, diferenciando-se desta em que a sua ogiva, traça a trajectória com uma linha luminosa.

Todas estas granadas iluminantes ou de trajectória visível podem ser também incendiárias, mas não se devem confundir com as granadas incendiárias regulamentadas em França e que estão pintadas de encarnado da parte do projectil até à base da ogiva e de branco ou verde daí para baixo.

Esta granada incendiária contem um certo número de cilindros incendiários e os interstícios que ficam entre êles enchem-se de polvora. Cada cilindro, envolvido por uma tela alcatroada, contem uma composição de base de nitrato de barita e de polvora. Estão escorvados nas suas duas extremidades por um feixe de mechas; o peso é aproximadamente de 40 gramas.

(Traduzido da *Revista del ejercito e marina* do México, Agosto de 1917, por R.).



Campanha da Palestina

OCUPAÇÃO DE JERUSALEM

As operações das fôrças aliadas, na bíblica região da Terra Prometida, oferecem aspectos curiosos e importantes no tríplo ponto de vista militar, político e religioso.

Malograda a investida turca contra o canal de Suez, repelida principalmente pelo denodo das tropas australianas, de guarnição no Egíto; reconquistada a cidade de Kut-el-Amara, na Mesopotamia, onde capitulára a 29 de abril de 1916 o general britânico Townshend e as fôrças do seu comando, o substituto dêste, tenente-general Sir Frederick Stanley Maude, logo após a tomada de Bagdad, delineou, de acôrdo com o govêrno de Londres e com o grande estado maior, iniciar a campanha da Palestina, vigésima arremetida contra Jerusalem, dêside o século xi, e nona ou décima quinta cruzada na opinião divergente dos múltiplos cronistas, que as enumeráram e descreveram.

A vitória do general Maude, obtida sôbre os turcos em Ramadie, em setembro de 1917, liberta o seu flanco esquerdo de qualquer eventual ataque dessa banda. A surpresa de que são vítimas alguns grupos otomanos, a 6 de novembro, em Tekrit, incomoda seriamente as fôrças do sultão, sob o comando, em geral, de chefes alemães.

Procedem então, com o mais cuidadoso método, os ingleses, à organização das colunas que hão de invadir a Palestina. Em fins de outubro dêsse mesmo ano de 1917, os invasores apossam-se do caminho de ferro de Shellal, quatorze milhas ao sul de Gaza. A 30, chovem os primeiros projecteis sôbre essa cidade, numa acção simultânea da artilharia de terra e dos navios. Intimidados dêste lado os turcos, uma ofensiva enérgicamente conduzida, cai sôbre Bir-es-Sabá. Desempenham o principal papel na operação as fôrças montadas. Marcham durante

a noite, torneiam os bairros a nordeste da cidade. A infantaria evoluciona com a possível presteza e surge ao alvorecer a sudoeste. A resistência é tenaz nas fortificações turcas, construídas com preceito. Aniquilam-nas, no entanto, os meios de que dispõem os assaltantes. A cavalaria ligeira ida da Austrália, numa galopada resoluta, termina o que os canhões principiaram e galga por cima das trincheiras, de que se apodéra.

Os turcos tinham convertido Bir-es-Sabá — a histórica povoação ao sul da Palestina, tão ligada às tradições de Salomão e da rainha de Sabá, onde Abraão plantara a árvore sagrada, a terra dos «Sete Poços» — numa importante base, com numerosos depósitos de abastecimentos e munições na época em que conceberam acometer o Egíto. Categoriza-a como ponto estratégico a estrada que a liga a Hebron e Jerusalem. Nesta conformidade a engenharia acumulára em redor déla, robustos e valiosos elementos de defeza.

Tomada Bir-es-Sabá, o investimento de Gaza não se faria esperar. As fôrças invasoras postávam-se assim num terreno acidentado, nalguns pontos até a cavaleiro do flanco inimigo. A tarefa, porém, não foi fácil. A ciência alemã e o valôr turco dificultáram-na.

Gaza, em todas as épocas e em todas as invasões da Palestina, constituiu sempre um ponto obrigado de ocupação. Asediáram e penetráram néla com mais ou menos opposição, Alexandre o Grande, os moslimes, os cruzados e Napoleão em 1799. Arrazada por Alexandre Janneu, reconstruiu-a o romano Aulo Gabrinio em 57 A. C.

O general Allenby, comandante em chefe das fôrças britânicas, aproveita com tino as lições dadas pelo Primeiro Consul Buonaparte. As colunas otomanas, após o seu desastre de Bir-es-Sabá, fortificam-se tenazmente ao norte de Gaza. Allenby, acomete por êsse lado e arremessa com habilidade nucleos importantes contra o centro da linha contrária, entre Gaza e Bir-es-Sabá. Os turcos não cedem às primeiras. Os ingleses são constrangidos a assaltar incessantemente as obras externas.

É a 6 de novembro que os defensores musulmanos abandonam a cidade, mas em boa ordem, sem precipitação e não deixando adiantar demasiado a cavalaria inglesa que os persêgue. E tão fortes ainda se encontram que, quando as colunas britânicas, após um pequeno repouso em Gaza e de ali colocar

uma guarnição sua, proseguem no rumo norte, esbarram com um corpo otomano tão intrépidamente resolvido a tomar-lhes o passo no flanco direito, que não o conseguem repelir e muito menos aniquilar.

Allenby não estaca ante êste obstáculo com que não contava. Deixa-lhe em frente o preciso para que não o incomode e marcha com o grosso das unidades, pelos areais do litoral adiante, ladiando a planície. Decorridos dois dias após a ocupação de Gaza, transpõe as ruídas muralhas de Ascalon, com perdas insignificantes.

Ascalon, uma das cinco principais cidades da Philistea, regorgita de lembranças históricas. As suas revoltas contra os faraós, a sua defesa contra Sennacherib, a conquista de Alexandre, as lutas com os romanos, com os sarracenos, com os cruzados, o domínio imposto por Balduino III, o dote de que fez parte, oferecido a Sibylla quando casou com Guilherme de Montferat, a sua captura efectuada por Saladino, o dismantelamento das suas muralhas pelo rei Ricardo *Coração de Leão*, o aniquilamento das suas fortificações pelo sultão Bibars, etc., etc., tornam-na curiosíssima.

A cavalaria britânica aprisiona, assegura o relatório oficial, cinco mil homens até 10 de novembro. Férem-se contínuas escaramuças durante o trajecto, que de modo nenhum entravam o avanço geral. As unidades inglesas necessitam progredir para entrar em território onde não escasseie a água potável. Contra-balança esta vantagem um inconveniente de ponderação. O afastamento de certas bases, dificulta a condução de abastecimentos, munições, evacuação de feridos e doentes e de envio de reforços.

O estado maior e a administração militar, não lhes faltando nunca dinheiro, suprem todas as faltas e remedeiam todas as deficiências. A marcha prosegue com tal energia, tão vigoroso é o nêrvo de quem comanda e de quem obedece que, a 14, a engenharia corta a via ferrea que une Bir-es-Sabá a Jerusalem e a Damasco.

Os invasores começam a ter na sua mão elementos úteis e poderosos, que minguem os dos turcos, reduzidas as próprias fôrças, pois os alemães empenhados em acabar com a resistência moscovita, só lhes enviam exortações, promessas e palavras de esperança num futuro melhor.

A administração militar inglesa, conseguiu sempre espantar as suas congêneres doutros exércitos, pela soma de elementos que sabe amontoar e aproveitar, mercê dos prodigiosos recursos pecuniários que o Estado lhe faculta. Nesta campanha da Palestina, excede tudo quanto rializára até então.

Em primeiro lugar os ingleses, para se desembaraçarem das razias contínuas dos Senussitas, atravez do oasis de Suah, uma espécie de estreita ponte que permite acesso da Tripolitana para o Egíto, construíram uma linha ferrea de cento e vinte quilómetros, construção terminada no fim de dez meses. Superada esta primeira dificuldade, para que as conduções se efectuássem com a rapidez e na extensão exigida pelas necessidâdes da campanha, adquiriram por quantias elevadíssimas, quantos camêlos, dromedários, muares, caválos, burros, lhes apresentáram dêsde a Índia até Marrocos. A população indígena do Egíto, pasmava ao contemplar em globo tal quantidade de solípedes. Não imagináva que houvesse tão quantiosa produção.

Para acudir e satisfazer todas as reclamações, não bastávam os solípedes. Então os cosmopolitas habitantes do Cairo e terras próximas, esfregáram algumas vezes os olhos ao depararem-se-lhe os parques numerosíssimos de automóveis, motocicletas, sidecars, de veículos das mais estranhas construções e variadas procedências.

Nos últimos três anos, os engenheiros britânicos, tinham mandado assentar carrís, só no Egíto, no percurso de seiscentos quilómetros. Para simplificar os desembarques e ganhar tempo, ampliára no Delta à rêde já existente com uma nova linha no trajecto de oitenta quilómetros. Dez mil operários concluíram êste quasi milagre de engenharia em seis semanas. Ao mesmo tempo, vias secundárias, de carácter transitório, mas sólidas, cruzávam o deserto em diferentes sentidos e numa extensão superior a duzentos quilómetros.

Todo êste imenso empreendimento pode considerar-se relativamente insignificante, comparado com a nova via ferrea da Palestina, assente e prolongada constantemente em harmonia com o avanço das colunas. Paralela a esta obra colossal, outra se impunha e de não somenos consideração. Ao lado das tra-

vessas e do longo traçado de rails que se desdobram como as ininterruptas curvas de uma serpente gigantesca, serpeia uma canalização de ferro fundido, exactamente com o mesmo comprimento. Essa canalização, que talvez provocasse a admiração dos próprios Sesostris e Ramsés, de monumentais reminiscências, leva à Palestina, aos areais estéreis, calcinados, privados de nascentes, a água do Nilo, captada no canal de irrigação, da outra banda de Suez.

Clima quente, húmido, de bruscas mudanças de temperatura, nem em todas as zonas prima por saudável. A água constitui a miude um veículo transmissor de doenças graves e até de epidemias. Para se obviar a tais inconvenientes, escalónam-se de local em local, poderosos filtros com torneiras antisépticas que expurgam o precioso líquido dos micróbios e bactérias que o intoxicam. É esta mesma água, assim purificada, que enche os bebedouros destinados aos animais de carga e de tracção.

Levar-nos ía muito longe só apontar aqui os múltiplos cuidados e as recomendações higiénicas que o corpo médico, de combinação com a administração militar, põem em prática, para que tanto o estado físico como o moral dos expedicionários produza o maior rendimento possível. Os complexos serviços desta especialidade atingem, por vezes, tal grau de perfeição, que chega a parecer impossível o insignificante número de baixas por enfermidades, em operações em extremo trabalhosas e efectuadas em regiões onde aos próprios naturais custa a resistir às nocivas condições climatéricas.

Nem os *tanks*, os feios e amedrontadores *tanks*, faltaram às fôrças do general Sir Edmund Allenby. Construidos de propósito para se mover naquêle especial meio arenoso, constituíram um poderoso auxiliar, que aterrorizaram ao mesmo tempo os intrépidos soldados turcos, e lançaram no meio das povoações nativas, por onde passavam, fundas raízes de receios supersticiosos, e a crença, aumentada pela estonteante fantazia dos povos orientais, dos recursos sôbrenaturais à disposição dos invasores.

*

* *

Caracteriza a ofensiva inglesa uma rapidez quási fulminante. Compreendeu o general Allenby, e muito bem, que os turcos

defenderiam a todo o transe a rêde de arriões que cruzam a orla plana da faixa de operações. Essa rêde representava para êles valiosos elementos de resistência, de abastecimento de água. A posse déla, pelos invasores, outorgava-lhe recursos de alta significação estratégica e tática. A cavalaria australiana e a infantaria montada em camêlos, frustrou em absoluto aos otomanos aproveitarem essas vantagens. Tão rapidamente manobrou a guarda-avançada, que a 17 de novembro, a cidade de Jaffa, porto de mar de Jerusalem, se entrega às colunas britânicas, arrancando mais um trunfo das mãos dos caudilhos alemães e dando ao estado maior do general Allenby um ancoradouro, de não fácil desembarque, mas relativamente seguro, onde os transportes marítimos poderiam fornecer tudo de quanto necessitasse o exército atacante.

Jaffa, ou mais propriamente Joppè, oferece como as outras cidades da Palestina, largo campo às narrativas do historiador. Propriedade dos judeus, próspera durante o período romano, séde de um bispado medieval no reino de Jerusalem, cai ora na posse do cruzado Ricardo *Coração de Leão*, ora na do bélico moslime Saladino. Em 1799, tomam-na os franceses. Como uma parte da guarnição turca, aprisionada, fôra sôlta, sob palavra e tornára a combater, e mais tarde decapitou um parlamentar enviado por Buonaparte, êste general ordenou que a passassem toda a fio de espada. Aí se desenvolveu a peste, que não pouco concorreu para o malôgro da arrojada expedição francesa.

Sir Edmond Allenby, utilizando os bons resultados obtidos na Mesopotamia pelo seu camarada *Sir* Frederik Maude desdobra as suas fôrças numa segunda coluna. Êste troço, acêrca-se de Jerusalem pelo sudoeste. Buonaparte em 1799, contornou o terreno elevado da Judéa e preparou o principal embate no plaino de Esdraelon. Allenby segue-lhe o exemplo. Toma até a terceira semana de novembro pela sua esquerda. Depois executa uma rápida conversão e mete-se pelos estrangulados vales, que em curvas mais ou menos amplas, se enovelam desde Jerusalem até à costa.

Os ingleses esperavam que se lhes quizesse demorar o avanço, disputando com pertinácia as cristas das eminências sobranceiras a êsses vales. Não sucedeu assim. Incúria dos turcos? Parece que escassês de munições nos seus depósitos e parques.

Allenby, manobra nessa conjuntura com habilidade. Efectua uma conversão para leste e colhe num movimento envolvente os acidentes de terreno da zona central da Judéa, e que abrangem a área de Hebron a Jerusalem. Paralelamente, a coluna do flanco esquerdo, não esbarrava com dificuldades de maior no seu progresso pelo litoral adiante.

Curiosas as unidades que compunham os dois troços da expedição internada na Palestina!

Acamaradávam-se ali regulares e territoriais ingleses dos vários condados da Gran-Bretanha; naturais da Escócia; filhos do País de Galles; bersaglieri, com as suas características plumas, da Itália; *marsouins* e *piou-pious* da França; *cowboys* da Austrália; nativos da África Ocidental; índios de todos os estados e religiões da Península Industânica. Todas as crenças e todas as seitas, idiomas diversos e raças heterogeneas, tudo isso se aglomerava aí numa cruzada de nova espécie em que os sectários da cruz se acotovelavam com os prosélitos do crescente, católicos com protestantes, vichnuistas com adeptos e adoradores de Buda.

Nunca pizára o sólo da Terra Santa tão cosmopolita hoste!

O exército turco, comandado em chefe pelo general alemão Kress von Kresseresteins, manifesta indecisões nas manobras, ao passo que o do seu adversário, general Allenby, dia a dia, acentúa o movimento torneante.

Uma das colunas leva de assalto o cume de Nebi Samuil, outra apodera-se do poço de Miriam e de Ain Karim. As evocações bíblicas surgem constantemente na memória dos expedicionários. Uma terceira, apossa-se da estação de Bittar na via ferrea de Jerusalem. As bandeiras das tropas aliadas desfraldam-se agora a norte e oeste da Cidade Sagrada. O arco de círculo procura cada vez cerrar-se mais. Os aliados proseguem em território elevado.

Ao calor intenso sucedem-se noites frigidíssimas. As cúpulas dos edifícios do retangular e amuralhado recinto, cobrem-se de um branco lençol de neve. O frio penetra as lãs e flanélas mais bem tecidas. De ora em quando, para alternar, chove torrencialmente. A tracção da artilharia embarça-se com extraordinários obstáculos, a sua colocação em bateria em escarpas de difícil acesso, custa fadigas contínuas e extenuantes.

Os turcos postam algumas baterias no Monte Olivete e em

redor de Bethlehem. A sua vizinhança de Jerusalem, impede os aliados de lhes responderem. Na verdade, o general Allenby deliberára, e assim o cumpriu, que nem um único projectil caísse dentro da guarida do túmulo de Cristo e da mesquita de Omar.

A ala direita do exército atacante executa uma marcha velocíssima. Ocupa Hiron, chega á estrada de Jerichó e mais aperta o círculo formado há dias. Jerusalem está isolada pelas tropas britânicas. É como uma ilha, em que estas fazem de mar, e contra o qual se neutralizarão todos os esforços dos turco-alemães. Pela evolução rializada sôbre a estrada de Jerichó, os aliados fecham a porta da banda de léste; pela ocupação da estrada de Jaffa ou Joppé, obstroem a entrada de oéste; pelo estacionamento junto de Hebron e na via de Sichen interceptam as portas do norte e do sul. Menos de vinte e cinco mil homens, tendo na sua frente um inimigo mais numeroso, contém uma população — nada hostil, pelo menos ostensivamente — de cem mil pessoas, nas quais entram dez mil musulmanos, quarenta mil judeus, quinze mil cristãos, além de gregos, ortodoxos, abissínios, sírios e arménios.

Após os preparativos atrás descritos, a linha sul dos turcos principia a ceder a 8 de dezembro. Durante as poucas semanas que duram estas operações, os ingleses, à medida que avançam, e por todos os pontos por onde avançam, constroem boas estradas com sólidas faixas de rolágem. Uma das consequências desta dispendiosa, mas sensata providência, encontra-se no abandono forçado, de Hebron, logo nos primeiros dias dias por parte das tropas do sultão.

As unidades constituídas pelos territoriais londrinos, acometem as obras de fortificação a oéste de Jerusalem. Ao despontar da aurora, uma brigada, precipita-se pelos alcantís da colina a sudoéste da aldeia de Ain Karim, para galgar para o outro lado. Uma parte, de picareta em punho, à proporção que ascende, fortifica-se. No instante próprio, os assaltantes largam-se pela ladeira acima, aproveitando alguns eirados que se aplanam em certos contra-fortes e repélem um batalhão otomano bem parapeitado no topo. Sem demora envolvem as trincheiras contrárias e prestam mão forte à outra brigada que, durante algum tempo, corre risco de ser envolvida.

Ás sete da manhã, cáem na mão dos assaltantes, as fortificações construídas a oéste. Ás quatro da tarde, toda a linha da

cumiada dessa banda, retumba com os vivas proferidos por cinco ou seis linguas diferentes da expedição aliada. Ao escurecer, penétram já as forças britânicas nos arrabaldes de Jerusalem, sem demasiadas perdas, porque a defesa, ou por desfalecimento dos turcos, ou em virtude de ordens expedidas, não prima por teimosa intrepidez.

Simultâneamente, diversas formações constituídas por soldados do País de Galles e de alguns condados da Inglaterra, penétram em Bethlehem. A tarefa não se lhes torna em extremo fácil. O trajecto sanjava-se de cortaduras, muitas délas abertas por forninhos e minas. Para mais lhes demorar o avanço, condensára-se um espesso nevoeiro. No entanto, avançam para léste, afim de enveredarem pela estrada de Jerichó. A *yeomanry*, a cavalaria rural de vários condados da metrópole britânica, galopa para o norte, acerca-se numa evolução resoluta do flanco do monte Nebi Samuil, varre de lá quantas fracções inimigas se lhe depáram e com o mesmo galhardo ímpeto, corre pela estrada fora de Jerusalem a Sichen.

Os turcos esboçam um retorno ofensivo. Não querem ceder a posse dos Logares Santos sem rializar um derradeiro esforço. Escolhem para essa desesperada diligência a escol das tropas. Não se apresentam melhores em qualquer linha de batalha. Ainda mais uma manobra hábil, e o general Allenby frustra-lhe por completo o intento. Na noite de 8, a frente dos aliados, retrai-se para tão próximo da cidade, ocupando toda a estrada de Bethlehem a Sichen, que o tardío plano dos otomanos se esteriliza e se malogra, sem nenhuma esperança de obter qualquer espécie de vantágem.

Às oito da manhã, apresentam-se nas avançadas britânicas e são conduzidos ao general em chefe, dois parlamentários enviados pela população da cidade. São êles, o presidente da câmara e o chefe da polícia. Depois de uma discussão de poucas horas, assenta-se nas cláusulas a observar, para a entrega de Jerusalem.

A luta, no entanto, não cessára de todo. Sustentávam-se ainda aqui e ali, nos subúrbios, renhidos combates corpo a corpo, outros tantos duélos singulares. Quando algumas fracções dos aliados se acercávam do norte do povoado, sofreram, ao desembocar de uma garganta, um ataque denodadamente conduzido. Desembaraçáram-se do inimigo, empurrando-o diante

de si, numa carga brilhantíssima, subindo às cristas, donde expulsaram totalmente os adversários, ao passo que os outros seus camaradas, varriam numa vassourada enérgica de metralha, de fuzilaria e de baioneta, o que restava de germano-turcos na via de Jerichó.

Uma parte das autoridades otomanas, como o governador, os membros do conselho, presidido por elle — *mejliiss idara* — e o conselho municipal sob a presidência do intendente — *mejliiss delediye* — auzentaram-se. Outras aceifaram o encargo de manter a ordem. Sem demora, o general em chefe, determinou que os soldados musulmanos ou cristãos custodiássem os edificios públicos e logares sagrados, conforme a crença de cada um.

No dia seguinte, 9, ao meio dia, rializou-se a entrada soléne do general Sir E. H. Allenby. Entra a pé, à frente de todos, como lhe compete, pela porta de Jaffa. Recebe-o aí o governador militar, com uma guarda de honra, composta de unidades que mais se tinham distinguido na campanha. Formados à direita da porta, perfilávam-se soldados ingleses, escoceses, irlandeses, galeses; á esquerda, alinhavam-se nucleos da cavalaria da Austrália e da Nova Zelandia. Dentro das muralhas, abriam alas contingentes das unidades francesas e italianas.

O comandante do contingente francês, à direita, e o do italiano, à esquerda, seguiam immediatamente o general em chefe e atrás os adidos militares, ajudantes, estado maior e escoltas de honra. O cortejo estacou por alguns minutos ao pé da torre de David. Aí leu a autoridade municipal a proclamação em que se declarava o estado de sítio, e pela qual, igualmente se garantia a plena liberdade dos cultos e absoluto socego para que, cada um, retomasse as suas occupaões habituais. Depois o préstito continuou o seu trajecto e estacou de novo na praça de armas. Alí o general Allenby, deu recepção ao presidente da municipalidade e aos chefes de muitas comunidades religiosas. Mais tarde, o comandante em chefe britânico retirou-se, saindo pela mesma porta de Jaffa, por onde entrára.

Após quatro séculos de domínio musulmano, cai Jerusalem nas mãos dos cristãos na mais rápida e bem sucedida de todas as cruzadas. Dentro das suas altas e decrépitas murallas, succede-se, numa vertigem de *film* que abrange três mil anos, os acontecimentos a que andam ligados mais ou menos, todos os créditos do Universo, todas as ocorrências políticas em que se tem debatido a Humanidade, todos os abalos sociais que transformáram mais ou menos radicalmente as nações.

Além dos mistérios da Paixão de Jesus, que não vale a pena citar, pois são conhecidos até das pessoas mais ignáras, o peregrino extasia-se ante o Rochedo, sôbre o qual se ergue hoje a cúpula do Sakrak, e onde, assegura a tradição, Melshisedeli, sacrificou a Deus; onde Abrahão prendeu Isaac prestes a ser imolado; onde se construiu o monumental altar dos sacrificios do Templo de Salomão; onde o dôce Nazareno efectuou alguns dos seus mais nobres e altruistas mistérios; onde os cruzados celebráram as suas missas; onde, segundo a lenda musulmana, o proféta Mahomet montou a jumenta Al Borak, para emprender a sua jornada a caminho do céu; onde, em conformidade com as escrituras sagradas, se elevará o Trono do Supremo Juiz, afim de presidir ao derradeiro julgamento.

Sir Edmond Allenby, adiciona o seu nome à pleiade de conquistadores de fama universal, que entráram em Jerusalem vitoriosos.

São bastantes.

Em 1400 A. C., já os papyrus citam Jerusalem, como cidadela egícia. Mais tarde, converte-se em capital autónoma dos jabusitas, e David, rei do Hebron ou Hebrão, à portuguesa, entra alí vencedor. Saqueia-a implacavelmente o faraó Shisbek, quando já opulenta e florescente na época de Reboão. Conquista-a Jehoash, caudilho do reino de Israel do Norte, mas repêe com denodo as acometidas rializadas por Sennacherib. Nabuchadnazzar ou o Nabuchonosor, do vulgo, e os seus descendentes, vergam-na ao seu insuportável despotismo.

Alexandre o *Grande*, faz-lhe sentir todo o pêso da sua deslumbrante glória. Sucedem a êste na tiranía o egício Ptolomeu I, Antíoco Epifânio e Antiocho Eupates, monarcas da Síria.

Durante a quadra dos Machabeus gosa de uma transitória independência, mas não tardou a deixar-se aprezar pelas coortes de Pompeu. Um vendaval político destroi-a, ou quasi, em 70; com elle dezaparece o célebre Templo. Tenta reconstruí-lo Julião o *Apóstata*. Rodados anos, apodéra-se déla, o Shá persa, Chosroes, e atrás dêste o imperador Heraclio.

Sobrevêm o período da posse moslime. Arvora nos seus adarves as insígnias do musulmanismo o çalifa Omar. Mantêm-se em paz, prospera, quasi garrida, desde 637 a 1099. Surge o ciclo das cruzadas. Umas esbárram de encontro aos esquadões e fé no al Corão dos árabes e pulverizam-se como a areia dispersa pelos corceis na louca arrancada; outras fenécem, dissolvem-se, fundem-se nas desavenças intestinas dos seus chefes e nas irreductíveis discórdias da heterogeneidade das nações que as compõem; outras ainda, marcam o avanço e o retrocesso pelos areais, deixando um longo rasto de coléricos e pestíferos, de cadáveres ainda quentes, de moribundos a agonizar no último estertôr, breve horrivelmente mutilados e trucidados pelo fanatismo dos sarracenos, total ou parcialmente devorados pelos leões, chacais e abutres. Bem poucas conseguem hastear a cruz vermelha em campo branco dos seus pendões e auriflâmulas, nos cubelos ou nos eirados de Jerusalem. Alí se entronizam dez príncipes, rebentos de seis famílias diferentes, da Lorena, Rethel, Anjou, Montferrat, Lusignan e Hohenstauffen.

Entre Saladino, sultão do Egíto, e o rei de Inglaterra, Ricardo *Coração de Leão*, fére-se uma luta de generosidade medieva, segundo as leis da cavalaria, na qual fica vencedor o clima e a inveja que mina a quasi totalidade dos príncipes cristãos. E' Frederico II, astuto e diplomata, mais comerciante que guerreiro, o último católico que, de facto, exerce a rialeza no sítio onde os seus contemporâneos tinham enterrado a corôa de espinhos na frente do filho de Maria.

Em contínuas alternativas de mãos que empunhem sétros, cimitárras ou montantes; de cabeças cingidas por diademas abertos ou fechados, turbantes ou elmos, falando ora hebraico, árabe ou franco, assim vai até 1517, ano que vincúla em demorado fôro a sua subordinação ao poder militar e ao fastígio de glória de sucessivos emires fieis aos preceitos de Allah.

Sôbre Jerusalem e as emergências de que tem sido teatro, escreveram-se e publicáram-se bibliotécas inteiras. Toda uma

vida de homem não chegaría para as lèr, por muito novo que iniciásse a taréfa e por mais que excedesse na idade o avô de Noé, o judáico patriarca Mathusálem.

Esta campanha de sete semanas, outorga a quem a concluiu com bom êxito, como escrevemos no princípio desta narrativa, extraordinário prestígio.

Jerusalem, nuco bem situado das linhas ferreas que a proviñam as regiões de léste e oéste do planalto da Judéa, assume uma importância estratégica de primeira ordem. A sua ocupação estorva, pelo menos momentâneamente, o desenvolvimento do plano em tempos concebido por Buonaparte e agora resuscitado pelos impérios centrais, de ir atacar a Inglaterra no seu império da Índia. Como consequência moral, não é de menor alcance a sua ocupação. Aos olhos dos povos orientais a posse de Jerusalem, o arranco de Meça ao domínio da Turquia e a tomada de Damasco, a lendária capital dos califas, se vier a dar-se, vibrará um fundo golpe no poder religioso e até militar dos sultões de Constantinópla, a quem a atual guerra deteve à beira do precipício, onde iam ser lançados, se a Rússia não se desagrega e os países da *Entente* ficam vencedores.

Qual será o futuro de Jerusalem?

Fundar-se há rialmente na Palestina um novo Estado judeu, no qual se reúna todo o povo hebraíco, disseminado hoje pelas regiões mais longinhas dos quatro pontos cardiais?

O porvir o dirá.

Hoje há a tendência, pelo menos esboçada no atual instante, do desmembramento do império moscovita, de criar uma série de nações pequenas, sôbre as quais as grandes exerçam fácil hegemonía. Aproveitará à Judéa essa tendência? São tudo uma sucessão de problemas que só o futuro congresso da paz poderá rezolver. Infelizmente ainda não se sabe quando tal reunião se efectuará e, por consequência, quando as suas deliberações serão promulgadas e homologadas.

A imprensa britânica pôs em relêvo a modéstia com que o general Allenby entrou em Jerusalem, e compára-a, frizando o contraste, com a visita triunfal à mesma cidade, do imperador

alemão Guilherme II em 1898. As circunstâncias não eram as mesmas.

Vamos concluir.

As tropas turcas, depois de receberem reforços no efectivo de uma divizão, enviada das forças em operações no Caucaso, tentáram um retorno ofensivo. Efectuáram êste movimento os corpos de exército otomano 3.^o e 21.^o O ataque iniciou-se a 26 de dezembro e durou todo o dia 27. A intrepidês dos turcos não modificou a situação a seu favor. Pelo contrário, a 29, as tropas inglesas ocupáram Biseh.

E' de supôr que o retorno ofensivo, como o denomináram os críticos ingleses, não passasse de uma demonstração em força para mascarar a retirada dos turcos.

A campanha da Palestina estava terminada. O general Allenby, começou imediatamente a da Síria, que tem por principal objectivo Damasco. A má estação e dificuldades de outra ordem, tem-na tornado muito mais demorada e até, tanto quanto se pode destrinçar no labirinto dos telegramas contraditórios, menos decisiva nos efeitos. Seja como fôr, os turcos cada vez estão mais em sua casa, e, os ingleses, apesar dos extraordinários recursos que possuem, são obrigados a irem-se afastando gradualmente das suas principais bases de operações e dos portos de mar.

O que escrevemos é uma simples narrativa, colhida principalmente das informações favoráveis aos aliados. Não é, nem pode ser um estudo crítico. Para o fazer, era necessário ouvir ou lêr a parte contrária, e isso, por ora, emquanto durar a guerra, é vedado. O que há de verdadeiro, são os factos. Êsses não podem ter contestação. Quanto à maneira de saber, ao certo, como êles foram obrigados a apresentar-se, tais como são, só muito mais tarde, com todos os documentos à vista, pezados os relatórios, contrabalançadas as opiniões e os comentários, se conseguirá chegar a fazer uma crítica imparcial.

Lisboa, 30 de abril de 1918.

EDUARDO DE NORONHA.

Quadro de Honra do Ultramar Português

Baixas na provincia de Angola

Mortos em virtude de ferimentos em combate contra o gentio do Cuanhama (Mandume), em 31 de Outubro de 1916:

Oficial

Tenente do quadro auxiliar de artilharia, Raul José de Andrade.

Praças de pré

Batalhão de artilharia de guarnição:

Soldado n.º 204 da 2.^a bateria, José Sérgio.
 » » 308 » » » Manuel Gonçalves.
 » » 294 » 4.^a » Alvaro Canhoto.
 » » 302 » » » Manuel Perpetuo.
 » » 289 » 5.^a » Luís Guilhermino.

3.^a secção de artilharia de montanha de Angola:

Segundo cabo n.º 9, Silverio Marques.
 Soldado n.º 33, Gelariano Soares Lameiras.
 » » 13, Manuel Marques.
 » » 40, Joaquim Alves Pinto da Costa.

2.^o esquadrão de dragões de Angola:

Primeiro cabo n.º 76, Armando Dias de Almeida.
 Clarim n.º 26, Henrique José.
 Soldado n.º 130, Manuel Antonio dos Santos.

4.^a companhia de deposita de Angola:

Primeiro cabo, Augusto da Graça.
 Soldado n.º 71, João Bernardes.

Companhia disciplinar de Angola:

Soldado, José Lucas.
 » Manuel da Costa.

CIVIL

Chauffeur, Artur Ruivo Morais.

Morto em combate em Angola, em 20 de Agosto de 1917:

Oficial

Capitão de infantaria, Egidio Melquiades Nepomuceno dos Santos.

Corpo expedicionario português

ROL DE HONRA

Baixas em França

Mortos desde 6 a 12 de Janeiro de 1918, por ferimentos em combate:

Regimento de Infantaria n.º 6:

Soldado n.º 486 da 2.ª companhia, Manuel Augusto Martins.

Regimento de infantaria n. 10:

Soldado n.º 472 da 1.ª companhia, Acacio Rodrigues.

Regimento de Infantaria n.º 16:

1.º cabo n.º 1034 da 2.ª companhia, José Pedro da Silva Ouro.

Regimento de infantaria n.º 17:

Soldado n.º 360 da 10.ª companhia, Francisco Minhoto.

» » 579 » 11.ª » José Antonio Roberto.

Regimento de Infantaria n.º 34:

Soldado n.º 431 da 1.ª companhia, Joaquim Lopes.

Por intoxicação de gases em combate:

Regimento de infantaria n.º 11:

1.º cabo n.º 728 da 10.ª companhia, Custodio Augusto Moreira.

Corneteiro n.º 696 da 10.ª companhia, Verissimo da Silva.

Soldado n.º 383 da 10.ª companhia, Gregorio José da Cruz.

» » 491 » » Manuel Antonio Belo.

Regimento de infantaria n.º 16:

1.º cabo n.º 1002 da 1.ª companhia, Artur dos Santos.

Soldado n.º 782 da 1.ª companhia, Manoel Vicente.

» » 1035 » » Alexandre da Piedade.

Mortos desde 13 a 19 de Janeiro de 1918, por ferimentos em combate:

Regimento de infantaria n. 22:

Soldado n.º 331 da 5.ª companhia, Manuel Dias Grande.

Regimento de infantaria n.º 23:

1.º cabo n.º 498 da 4.ª companhia, Casimiro Rodrigues.

Regimento de infantaria n.º 24:

Soldado n.º 483 da 1.ª companhia, Roberto Pinto.

Regimento de Infantaria n.º 28:

Soldado n.º 400 da 4.ª companhia, Manuel dos Santos Poça d'Agua.

1.º grupo de companhias de administração militar:

Soldado n.º 508 da 7.ª companhia, José Luiz.

Por intoxicação de gáses em combate:

Regimento de infantaria n.º 5:

Soldado n.º 692 da 3.ª companhia, Francisco da Silva Miranda.

Regimento de infantaria n.º 11:

Primeiro cabo n.º 275 da 10.ª companhia, Gilberto Antonio Coelho.

Soldado n.º 296 da 10.ª companhia, Antonio João Tomaz.

» » 312 » » Arlindo de Jesus.

» » 481 » » Francisco.

» » 489 » » Felix Saramago.

» » 510 » » Joaquim Duarte Faladeiro.

» » 513 » » Francisco Simão.

» » 609 » » Joaquim Ramiro Tavares.

» » 615 » » Antonio José Peralta.

» » 700 » » Antonio Domingos.

Corneteiro n.º 475 da 10.ª companhia, Fortunato Gaspar Pinheiro.

Regimento de infantaria n.º 16:

Soldado n.º 789 da 1.ª companhia, José Nunes.

» » 993 » » Manoel Fragoso.

Por desastre em serviço:

Regimento de Infantaria n.º 28:

Soldado n.º 134 da 3.ª companhia, José Joaquim da Cunha Caceiro.

CRÓNICA MILITAR

França

As perdas durante a guerra. — Há vários processos para se avaliar as perdas da guerra. Alguns publicistas adicionam aos prejuízos sofridos pela população civil e aos lucros cessantes pelo estado de guerra, as despesas e os onus contraídos pela Nação; outros vão além, introduzem como parcela, o total de vidas sacrificadas, isto é, o capital *homem* destruído pela luta.

Com estes processos a *soma total* vai crescendo à proporção que as *parcelas* vão igualmente aumentando. Mas, será admissível creditar-se às perdas do Estado, essa parcela humana de tão dura e escrupulosa realidade?

Avaliando a renda de cada individuo na razão de 1.560 francos (rendimento médio da população francesa activa em 1911) e capitalizando-a em 9% (tipo a que se capitalizava o trabalho antes da guerra), resultaria que a morte ou invalidês de um individuo, representaria 17.306 francos de capital perdido, ou 35 milhões de francos por dois milhões de homens. Se em vez de capitalizar essa renda a 9% a exigissemos ao tipo 3% ou 6% (tipo da capitalização da fortuna e do trabalho adquiridos), chegaríamos, por cálculo idêntico, à soma de 70.100 mil milhões.

Isto é rrialmente muito impressionante, mas não rigorosamente exacto. Na nossa opinião não é conveniente, nem justo traduzir-se por *valor monetário* a vida, que é um capital sem equivalência possível. Demais, introduzi-lo no computo do cálculo seria pouco respeitoso ante o valôr e o heroísmo dos nossos soldados, mortos gloriosamente nos campos de batalha. Não há dinheiro que pague ou resgate êsse sacrificio de sangue.

Renunciaremos, pois, a essas avaliações que taxam coisas que a moeda não pode resgatar e limitar-nos-emos às perdas verdadeiramente materiais, as que poderiam ser objecto de medida exacta, de substituição ou renovação por dinheiro.

Nesta ordem de valorizações consideraremos três categorias de perdas:

1.^a—*Perdas rriais*, que se deduzem dos orçamentos gerais do Estado, desde o início das hostilidades;

2.^a—*Prejuízos materiais*, experimentados pelas regiões invadidas;

3.^a—*Supressão dos juros e acumulações anuais* de novos capitais a partir do 1.^o de agosto de 1914.

Os encargos da guerra, pezam e gravitam economicamente em torno de dois ministérios—*guerra e fazenda*.

O da fazenda, paga os sôldos do pessoal, os atrasos das rendas; os *coupons* da Dívida, etc.; o da guerra suporta duas ordens de encargos: pessoal e material.

Para examinar a importância destas *perdas reais*, podemos previamente organizar um quadro das rendas do Estado francês, calculado nas tabélas distribuídas directa ou indirectamente pelo govêrno, em 1916, à população.

Por êlas se evidência que a

Dívida pública anterior à guerra, foi de.....	1.306	milhões de francos
Atrazo de rendas, bonus e obrigações.....	1.265	» » »
Vencimentos de funcionários e operários de indústrias monopolizadas pelo estado	800	» » »
Crédito de despesas militares e pensões.....	2.400	» » »
Sôlido das tropas.....	1.600	» » »
Alimentação das tropas.....	2.700	» » »
Tripulação da armada.....	200	» » »
Fardamentos e recursos médicos.....	1.000	» » »
Jornais, diários e mais benefícios das indústrias militares	8.000	» » »
	19.271	» » »

Assim, o Estado em 1916, distribuiu no próprio território, 19 milhões e um quarto, sôbre o orçamento de 34.000 milhões, soma que não é de toda perdida, porquanto importa em novas fontes de renda para os cidadãos. Resulta, pois, que as perdas efectivas não excédem 15 milhões, ou 43 % do total. Mas, essa soma é visivelmente exagerada, porquanto o material de guerra compreende uma *serventia industrial* que conservará um valôr durante cinco, dez, quinze e mais anos...

Um cálculo mais próximo da realidade, fixaria a um tipo de 35 %, por exemplo, proporcionalidade de perdas sôbre um orçamento geral.

Se levarmos o exame de 1916 mais adiante, incluindo as despesas desde o início da guerra até 31 de dezembro desse ano, chegaremos à conclusão de que a França dispendeu 65.000 milhões, cifra global, sôbre o que o coeficiente 35 % estabelece para as perdas reais, isto é, 23.000 milhões de francos.

Vejamos agora os *prejuízos materiais*, devido à ocupação militar alemã, pelos territórios franceses invadidos.

Para estabelecermos a valorização dessas perdas, teremos em primeiro lugar de considerarmos a riqueza efectiva desses departamentos. A fortuna francesa privada era calculada em 1911, em 285.000 milhões e Michel avalia a de 1912 em 282.000.

Dêsse total, 48.000 milhões correspondem proporcionalmente a 12 departamentos invadidos, embora a superficie de muitos dêles, ocupada pelo estrangeiro, não exceda 60 %.

Considerando, pois, a riqueza privativa de cada um desses departamentos e excluindo as reduções consoantes às fracções invioladas do território, podemos fixar em 32.000 milhões a fortuna privativa dos franceses nas regiões ocupadas.

Mas, desta fortuna há a deduzir o valôr da terra, que não muda de dono pela invasão (cerca de 8.000 milhões) e a parte que escapará da destruição:

que se subtrai a qualquer apreciação, pode, para argumentar, ser avaliada pela metade (4.000 milhões).

Por outro lado, da cifra inicial adoptada, 11.000 milhões correspondem a valores mobiliários, de cuja soma parece difícil que as perdas excedam de 3 a 4. Finalmente, outra parte do património das regiões assoladas pelo inimigo abrange os *stocks* de matérias primas, produtos manufacturados, material agrícola, móveis, dinheiro, objectos êsses que podem ser substituídos com muita facilidade.

Atendendo, pois, a todas essas considerações, as perdas totais podem, sem grande erro, ser avaliadas em 15.000 milhões, no máximo e em 10.000 no mínimo.

Quanto à terceira categoria de perdas, são elas caracterizadas pela paralização da vida económica, pela supressão de novas acumulações de capitais, que deviam logicamente obedecer às leis da evolução e progresso da riqueza.

Os franceses antes da guerra, economisávam e colocavam anualmente, 5.000 milhões. A guerra não reduziu a cifra das economias, mas a transformou na corrente ininterrupta de despesas improdutivas.

Em 31 de dezembro de 1916, a França perdeu ou deixou de ganhar, perto de 12.000. Não se pode deixar de reconhecer que se a riqueza privada alcançava em julho de 1914 a cifra de 290.000 milhões, ela deveria atingir normalmente a de 302.000 milhões nos últimos dias do ano de 1916.

Reunamos, para concluir, essas três fontes de *perdas reais*, que separadamente analizámos e estabelecemos o total das perdas.

O resultado será:

a) Que todas as despesas gerais do Estado desde o 1.º de agosto de 1914 até 31 de dezembro de 1916, não excedem 23.000 milhões.

b) Que os capitais destruídos nas regiões invadidas pelos alemães, alcançam, segundo todas as probabilidades, até à data referida, 10 a 15.000 milhões;

c) Que os franceses, ou antes, a colectividade francesa, perdeu no fim de 1916, por falta de colocação racional, uns 12.000 milhões, que corresponderiam ao desenvolvimento normal do património da França em igual periodo de paz.

A adição dessas três parcelas, produz uma cifra de 45.000 a 50.000 milhões de francos. É esta a *perda real* desde o início da guerra até 31 de dezembro de 1916.

(Do *El Mundo Militar*, de junho de 1917).

DIVERSOS

Novo processo para a fabricação do ácido sulfúrico. — Ninguém ignora nos tempos que vão correndo, o importante papel que o ácido sulfúrico desempenha na indústria em geral e na militar em particular. Esta última principalmente, absorve grandes quantidades na fabricação das pólvoras modernas. Igualmente se não desconhece que as matérias primas para a obtenção deste produto químico, são as pirites de ferro.

Na Alemanha há falta, escassez mesmo de pirites. Em tempos normais, tal facto não lhe determinava grandes prejuízos, porquanto as importava em

quantidade suficiente às suas necessidades. Só a Espanha em 1912 e 1913, forneceu 1.200:000 toneladas de pirites.

Mas, ao explodir a guerra actual, não foi mais possível recorrer à importação. E, como as necessidades do ácido sulfúrico eram permanentes, os alemães buscaram fabricá-lo com os próprios recursos do país, lançando mão do sulfato de cálcio como matéria prima.

A êsse respeito, *The Iron Age*, não nos fornece o mínimo detalhe, apenas se limita a dizer que se mistura o gesso com a areia, submetendo a mistura a várias manipulações até se conseguir o silicato de cálcio, cimento e ácido sulfuroso, que immediatamente se transforma em sulfúrico.

Não sabemos se esse processo oferecerá interêsse industrial, uma vez estabelecida a sua normalidade, ou se será posto à margem, atento o seu elevado preço.

Nesta dúvida, porém, a ideia é digna de ser registada nos anais militares desta guerra grandiosa.

(Do *Memorial de Artilleria*, de Madrid).

Novo penso immediato. — Um dos últimos números de *La Nature*, traz, sob esta epígrafe, um artigo digno de atenção dos médicos militares :

«Toda a ferida de guerra é, como se sabe, uma chaga infectada, seja porque a arma que a produziu estava suja, seja porque o projectil ou os fragmentos de metal tenham transportado um pouco de lama, poeira ou pedaços de roupa. Daí as gravíssimas complicações se a flora microbiana não é immediatamente esterilizada.

«No começo das hostilidades, a tintura de iodo foi considerada como o preservativo ideal da infecção, e fez-se tudo para facilitar a sua aplicação. Ampolas com torcida, frasquinhos com pinceis foram distribuidos às tropas, de modo que a menor arranhadura pudesse ser immediatamente impregnada.

«Depois viu-se que, não obstante o iodo, a gangrena gazona se multiplicava. Reconheceu-se então que o alcool que serve de dissolvente ao iodo, coagulava os tecidos e que mesmo o iodo se precipitava ao contacto dos líquidos orgânicos, limitando assim a sua acção desinfectante aos bordos das feridas.

«Outros antisepticos muito enérgicos, o sublimado, o iodofórmio, o ácido fénico, o formol, não dêram melhores resultados. Foi então que a atenção dos médicos franceses foi chamada para os efeitos notabilíssimos dos hipocloritos alcalinos».

La Nature, que publica sobre todas estas investigações, pacientemente proseguidas, um notável estudo, dá em particular sobre o penso immediato, descoberto pelo Dr. Vincent, alguns esclarecimentos, de que a sciência internacional pode tirar desde já o maior proveito.

O Dr. Vincent, é o sábio já illustre, director do hospital Val de Grace, a quem o mundo deve uma vacina que permitiu a imunidade contra a febre tifoide a milhões de homens.

Êle tinha seguido com toda a atenção o método dum outro francês de génio, o Dr. Carrel, que irrigava as feridas com o liquido de Dakin, essencialmente constituído por uma solução de cloreto de cal e de ácido bórico ou de carbonato de sódio.

O emprego desse líquido, fácil nos hospitais, não era evidentemente aplicável ao penso imediato. Não se podia pensar em ajuntar um novo cantil ao equipamento do soldado, já bastante carregado. O Dr. Vincent, resolveu, porém, a dificuldade.

Emprega o cloreto de cal em pó, associado ao ácido bórico, igualmente pulverizado.

Cada soldado recebe um frasquinho desta mistura, com um insuflador de vidro, com o qual o pó é anticepticamente projectado sobre a ferida.

La Nature, acentua que essa aplicação não ocasiona dor alguma. Nenhum fenómeno caustico se produz, e, mesmo no caso em que as linhas de nervos estão descobertas, o ferido não sente mais que uma sensação de calor. O pó dissolve-se muito lentamente, de sorte que a sua acção anticeptica se prolonga durante algumas horas, sem ser necessário renovar o penso. Pode-se ajuntar a essa mistura, um pouco de cloreto de cálcio, particularmente recomendado pelo seu poder hemostático.

A eficácia deste método, mais simples e económico que a tintura de iodo, está presentemente bem estabelecida. O Dr. Vincent, percorre actualmente a frente para iniciar os médicos militares na sua aplicação, e tudo faz prevêr que o novo tratamento abortivo se traduzirá, seja por curas mais rápidas, seja por uma diminuição na percentagem dos falecimentos, das amputações e das enfermidades persistentes.

Emprego da fortificação de campanha. — É facto incontroverso, que as linhas alemãs em França, são demaziado fortes para que os franco-ingleses com os métodos até hoje postos em prática, possam rompê-las.

Os alemães quando não assumem a ofensiva, opõem aos seus adversários uma resistência fundada na profusão e abundância das linhas fortificadas e calcadas no número verdadeiramente prodigioso de armas automáticas, com as quais guarnecem as referidas linhas.

Isso permite não só resistir tenazmente como empregar poucas tropas nas frentes em que pensam manter-se na defensiva para reunir, concentrar grandes massas mas em que é preciso fazer frente à ofensiva inimiga.

O general Ruski, então comandante de um corpo de exército russo do Norte, dizia a um correspondente do *Petit Parisien* que: «os alemães aumentavam enormemente as massas que empreendiam a ofensiva, fazendo rarear de homens as linhas defensivas, mas que as fortaleciam, reforçavam de meios técnicos, admiravelmente aperfeiçoados».

«Precisamente na frente russa, escrevia Nodéau de Petrogrado ao *Journal*, de Paris (Dezembro de 1915), as fortificações alemãs tomaram tal desenvolvimento que, sem ênfase, se pode classificar de colossal.

«Toda a região entre o Dwina e o Divink está pontilhada de trincheiras e reductos; toda a linha do Brig, principal afluente do Vístula, está protegida por três séries de linhas paralelas com plataformas de cimento prontas a receber canhões de grosso calibre».

Para suprir a escassês de homens, os alemães multiplicam e generalizam com extraordinária abundância o uso de metralhadoras e espingardas automáticas. E na esteira dos germanos seguem os seus discipulos: austriacos, turcos e bulgaros.

Os trabalhos que os austriacos executam na frente italiana já são do domínio público.

A defesa preparada pelos turcos na península de Gallipoli fez fracassar a tentativa franco-inglesa em forçar os Dardanellos.

Finalmente, segundo noticias mais ou menos veridicas emanadas de Bucarest e transmitidas ao *Corrière della Sera* (Dezembro de 1915), sabe-se que «desde Ruscink até Ecrene, em toda a extensão da fronteira do Danubio e da Dobrujda romaica, os bulgaros, sob a direcção de officiaes alemães, cavaram distantes 400 metros umas das outras, 12 linhas de trincheiras protegidos por cêrcas de arame farpado e covas de lobo, no intuito de poderem resistir, por largo tempo e com um número muito limitado de fôrças, a qualquer ataque eventual vibrado contra essa *frente*, sendo as tropas principais empregadas ofensivamente em outra frente».

É opinião geral que na *frente francesa*, por exemplo, os alemães dispõem nas suas linhas de uma metralhadora de dez em dez ou de doze em doze metros da frente.

Bastaria, pois, uma pequena operação aritmética para demonstrar que o fogo de defesa, considerando que esta possui ainda outras reservas além das metralhadoras, é de tal modo intenso que se chegou a formular a crença de que o atacante, apesar dos processos e meios de que se acha provido, *não pode conquistar uma posição potentemente organizada com trincheiras*, verdadeiros agrupamentos de cimento e aço, ericados de metralhadoras e de aparelhos lança-bombas, líquidos inflamaveis e gases asfixiantes, visto que:

a) os *meios portáteis e moveis de proteção pessoal e de destruição* de que se utiliza não lhe permite fazer frente a todos êsses obstaculos com menor perigo, se antes:

b) não tiver agido por meio de explosivos, destruindo e reduzindo a pó estas fortes trincheiras; feito calar as inumeras metralhadoras; posto fóra de combate os multiplos aparelhos para lançamento de bombas, líquidos inflamaveis e gases asfixiantes; arrancado as redes de arame farpado, afrontando sob um furacão de fogo a artilharia contrária.

É precisamente porque os resultados, até então obtidos pelos exércitos beligerantes, são pouco satisfatorios que induziram alguns escritores a precognizar a *absoluta superioridade da defensiva sobre a ofensiva*.

Nada mais inexacto e mais falso do que êste conceito.

Se na guerra actual o movimento é pouco e difficil, também o uso imoderado, desmedido da fortificação de campanha surpreendeu e convulsionou as antigas ideias de manobras, então predominantes em todos os exércitos; se a batalha se revestiu de novas fórmulas, a essencia da arte militar não variou, não se modificou; nenhum principio fundamental da tactica foi violado ou pôsto à margem, porquanto está de pé, inviolavel, intacto, o principio de que a *victoria* reside no movimento, isto é, na *ofensiva*.

É verdade que a ofensiva encontra actualmente enormes difficuldades a superar, mas isso não nos pode absolutamente aconselhar a volvermos à *defensiva passiva*; pelo contrario, tendo nos induz a buscar-se os *meios mecânicos*, que armam a ofensiva de *potencia moral* que, aliada à *força material*, consiga restabelecer o *equilibrio*, fazendo pender o fiel da balança para o lado

de quem possuir o mais elevado espirito de tenacidade e de vontade de vencer, custe o que custar.

Dissemos *meios mecânicos*, porque a explicação do fenomeno tactico actual não pode encontrar guarida nas grandes transformações da arte militar, embora, em nossa humilde e desautorizada opinião, se baseia nas mais elementares leis da mecânica.

A defesa dispendo presentemente de *meios materiais* excessivamente mais fortes que os da ofensiva, de modo que os homens marchando ao assalto afrontam descobertos, desprotegidos, a metralhadora que, pela pouca eficacia dos bombardeamentos, dos torpedos aereos e das minas subterraneas, está enormemente abroquelada pelo cimento e pelo aço, pelas redes de arame farpado, quasi intactas e pelo formidavel fogo de fusilaria e das explosões das granadas de mão.

Os *meios mecânicos* inactos à ofensiva, como acima ficou dito, para se conquistar a sua superioridade sôbre a defesa, podem ser agrupados em duas categorias

Primeira—*Meios moveis de proteção*, capazes de resguardar não só das balas das espingardas e metralhadoras e das explosões das granadas de mão da infantaria atacante como dos grossos projecteis da artilharia inimiga, não abandonando em circumstancia alguma, o terreno para não perder o contacto immediato com a infantaria:

Segundo—*Grandes massas de explosivos* lançados de longe pelas bocas de fogo contra os *elementos fixos de proteção* do adversario, contra os quais se deve estabelecer a destruição por meio de minas subterraneas:

Desde as primeiras fases da guerra os alemães imitados, seguidos pelos franco-ingleses, ensaiaram os ataques de infantaria relativamente deficientes e persistiram nesta tactica até que se convenceram, à custa dos maiores sacrificios, que êsses ataques terminavam por uma inutil e cruel carnificina, em que pereciam as melhores tropas e os mais bravos soldados excitados pela acção que os arrastavam ao assalto a todo o transe.

Mas como um avanço a descoberto era impossivel mesmo com as formações as mais aperfeiçoadas, os beligerantes buscaram reduzir a um minimo a zona a percorrer durante o assalto, circundando, envolvendo o mais possivel de verdadeiros *approches* a trincheira a conquistar, e, portanto, encurralando a infantaria inimiga.

Dentro em pouco tais precauções e medidas foram consideradas insuficientes: a violencia do fogo da defesa era muito mais eficaz do que esses obstaculos tão pacientemente acumulados pela ofensiva. Demais, era preciso a todo o momento contrapôr a maioria dos assaltos, não obstante partirem de distancias tão pequenas, tão curtas.

Recorreu-se ao expediente de apresentar o menor alvo possivel nas linhas de modo a proteger os homens mais debeis com sacos de areia, construções a cimento, escudos e couraças metalicas. Este último sistêma de escudos e couraças era mais vantajoso aos fabricantes do que aos soldados, porquanto, além de não resistirem à penetração dos projecteis, occasionavam um excessivo atraso no avanço, dando lugar a que essas muralhas andantes ficassem por muito tempo expostas à acção mais que eficaz das metralhadoras e granadas de mão, contra a qual essas *armaduras* se mostravam por demais frageis.

Seguiu-se logo de pois a guerra de minas cujos resultados deixam muito a desejar, embora às vezes consiga contrapor e mesmo anular o papel das contra-minas. A delonga com os preparativos desses trabalhos não compen-sam os resultados, quasi sempre muito restrictos, muito parciais.

A offensiva alemã no Artois realizada em fevereiro de 1916 e calcada no efeito que, as numerosas minas cuidadosamente preparadas em três longos meses de um trabalho ineteruto, deveriam produzir, não alcançou o exito que dela se esperava.

O mesmo sucedeu aos ingleses na sua recente offensiva em Messines.

A guerra de minas, interrompida pelos seus fracos resultados e longa pre-paração, fez derivar o susto de lançamento de explosivos em assombrosa quantidade.

Proliferou então nas linhas mais avançadas a artilharia chamada de trin-cheira. A catapulta e a antiga bombarda napoleonica, representadas por um canhão manejado a golpes de massa vieram à tona, volveram ao campo de batalha ao lado dos modernos canhões de trincheira que lançam torpedos aereos carregados com dezenas de kilometros de explosivos.

É obvio que se precure com êsses novos elementos destruir pouco a pouco a resistencia da primeira trincheira inimiga mais proxima, para poder conquistal-a pelo assalto e continuar a operação contra as demais trincheiras.

Os resultados obtidos foram demasiadamente insufficientes devido não só ao tiro pouco preciso e muito lento dessas máquinas como ao complicado mecanismo das granadas de mão lançadas de espingardas de efeitos muito li-mitados. As grossas bombas, arrojadas pelos pequenos canhões de funciona-mento irregular, estão muito longe de produzirem efeitos destruidores que se assemelhem aos das granadas da artilharia de igual peso, porque explodem muito perto do solo.

É inutil falar nas antigas *bombas de mecha* que, na maioria dos casos, rebentam quando querem e muitas vezes no próprio ponto de partida, é des-necessário ainda referirmo-nos aos *tubos* ou *canos das estufas* carregados de explosivos e metralhas, que no dizer de Barzini, descrevem caprichosas tra-jectorias e vão cair onde menos se espera.

De qualquer modo, essa artilharia de trincheira não só tem pouca effica-cia como seus efeitos se dispersam, se espalham em toda a linha adversa sem resultados apreciaveis.

Em face desses frutos sazonados pela experiencia, os alemães, os inova-dores da nova tactica da infantaria, chegaram com a *falange grega à tactica de massa* da artilharia.

É factó que com êsses processos se alcançaram riais e vertiginosas vitó-rias sôbre os russos, quando desprovidos de munições; mas quando se rea-basteceram, se reforçaram por sólidas reservas, e puderam resistir em não menos sólidas linhas de trincheiras, a tactica dos tudescos abortou.

É exacto que essa mesma tactica foi imitada pelos franco-ingleses em várias ocasiões com pouco ou nenhum resultado.

A tactica de *massa de artilharia*, como atualmente se pratica, parece dar logar às seguintes conclusões:

Primeira—O bombardeamento, não podendo ter o efeito necessário num espaço de tempo demasiado curto, chama, ao ponto avançado grandes mas-

sas de artilharia e infantaria inimigas destinadas respectivamente a ceifar primeiro e depois contra-atacar as linhas assaltantes e ao mesmo tempo impedir que o adversario reforce as suas defesas para reduzir ao minimo a falta de coesão do ataque;

Segunda—O bombardeamento difficilmente chega a fazer sentir uma acção eficaz nas segundas linhas defensivas porque estas, mais afastadas e mais fortes que as primeiras, exigem muita preparação, dando logar a grandes perdas de tempo, já para que a artilharia ligeira ou pesada mude de posição para uma distancia eficaz de tiro, já para que essa mesma artilharia possa lançar um outro milhão de granadas além das que são vomitadas contra a primeira linha.

Todo êste tempo será natural e habilmente aproveitado pelo inimigo para efectuar uma concentração cada vez mais perigosa da artilharia e infantaria e construir, se as circunstancias permitirem, outras linhas de defesa necessarias;

Terceira—O bombardeamento realizado sôbre tais aspétos, conduz a um enorme consumo de munições e de canhões, chegando ao extremo de impor pausas de dois ou mais meses para se tentar uma nova ofensiva.

(Dos *Estudios Militares*, Madrid, 1917).

A optica e a guerra.—Quais seriam—pergunta Charles Nordmann, na *Revue des Deux Mondes*—as condições de dois adversários, igualmente fortes em número de combatentes e em armas, se um dêles se achasse munido de instrumentos opticos e o outro não? Aquêlé poderia regular o tiro dos seus canhões, medir as distâncias, dirigir os ataques contra os pontos mais fracos, e êste, vêr-se ía obrigado a combater com os olhos vendados. Seria um duélo entre um cêgo e um homem no gôso da sua vista natural.

Temos um trágico exemplo desta situação na desgraçada campanha rumaica.

Os nossos aliados dispunham de canhões Krupp, que a Alemanha lhes fornecera durante aliança trintenal; mas, a previdência dos construtores chegára ao ponto de *saboter* um elemento optico minuscuro, mas precioso: o nível de bôlha d'ar para a pontaria, continha água em vez da solução salina que se costuma empregar para impedir a congelação do líquido. E' claro, que os alemães se reservavam a faculdade de corrigir êste pequeno... erro, no último momento, se a Rumania tivesse combatido a seu lado, mas, em todos os casos a artilharia rumaica ficaria inutilizada, se ninguem tivesse dado por êsse defeito. Assim aconteceu; muitos canhões não pudéram regular a pontaria, porque a água do nível estava gelada, e êste factor contribuiu não pouco para o desastre.

No princípio da guerra, os alemães estavam mais bem fornecidos de instrumentos opticos que os franceses; hoje, felizmente, as coisas mudáram e já se não pode falar da superioridade alemã nêste capítulo.

No início das hostilidades, os officiais alemães possuíam todos binóculos prismáticos, e muitos atiradores escolhidos tinham aparelhos de televisão, o que explica as grandes perdas de officiais franceses, para o que de resto também concorreu a visibilidade do seu uniforme.

Os binóculos prismáticos tornam mais evidente o relevo; este é constituído pela sobreposição das diferentes imagens percebidas por cada um dos olhos, e quanto mais diversas fôrem as imagens mais acentuado será o relevo; o prisma permite-nos vêr, como se os nossos olhos estivessem colocados a distância um do outro, dupla de distância real, e, portanto, com muito maior relevo. Além disto, os binóculos de artilharia têm uma graduação interna em *milésimos* para facilitar a delimitação de certos elementos de tiro. Finalmente, graças a um mecanismo que se baseia no mesmo princípio aplicado aos telímetros, os binóculos prismáticos transformáram-se em estereoscópios e dão a distância aproximativa dos objectos.

Os atiradores escolhidos alemães, têm espingardas com uma lente reticulada fixada sobre a linha de mira; hoje os franceses seguiram o exemplo dos seus inimigos, mas o facto de terem tido um equipamento inferior, custou-lhes dolorosas e irreparáveis perdas.

Todos conhecem aquêlê espelho que permite aos condutores de automóveis, vêr o que se passa atrás do seu carro. Igual engenho se acha às vezes colocado discretamente numa janela do primeiro andar de uma casa, para permitir vêr, sem ser visto, quem bate à porta. São estes, o protótipo do periscópio; se lhe acrescentarmos segundo espelho que reflita a imagem em outra direcção, se substituirmos aos espelhos prismas de reflexão total, se collocarmos ao longo do percurso dos raios uma lente de ampliação, teremos o periscópio; isto é, o instrumento que permite ao soldado vêr para fora da sua trincheira, sem se expôr ao tiro do inimigo.

A artilharia emprega instrumentos ópticos para grandes distâncias, parecidas com os telescópios astronómicos. Um dos meios mais empregados para determinar a distância a que se acha uma bateria inimiga, consiste em examinar de dois pontos de observação bastante distantes um do outro o clarão da sua descarga; é evidente, que marcando com exactidão no mapa a direcção em que foi visto este relampago, de cada um dos observatórios, as duas linhas se hão de encontrar no ponto que corresponde ao sitio em que se acha collocado o canhão. Mas, a maior das vezes o inimigo tomou o cuidado de colocar as duas peças por detrás de um tapume natural ou artificial, de modo que se não veja o relampago, e neste caso não serve tal meio de identificação.

A determinação das distâncias, indispensável à artilharia, obtêm-se, por meio de telemetros, instrumentos ópticos de diversos tipos, mas, que todos se baseiam no princípio da triangulação. E' por meio da triangulação que os astrónomos calculam a distância que vai dos astros à terra: dois observadores collocados em dois pontos afastados, observam o mesmo ponto da lua no mesmo momento, e, notando o ângulo formado por cada raio visual e a distância entre os dois observadores, ficam conhecendo dois angulos e um lado de um triangulo, isto é, possuem todos os elementos para determinar o próprio triangulo. Os telemetros do exército e da marinha, empregam igualmente uma base de comprimento conhecido e calculam o angulo que formam os raios visuais conduzidos pelo objecto às duas extremidades desta base: a este angulo chama-se paralaxe do objecto.

Pode-se tomar como tipo dêste instrumento de optica, o telemetro Barré e Stroud que em toda a parte se emprega, há cêrca de 30 anos.

Dois objectivos colocados na extremidade de um tubo metálico que serve de base, paralelos ao tubo e entre si, recebem a luz do objecto; mediante um sistema de prismas de reflexão total, reuniram esta luz na direcção de uma ocular única que se acha no meio do tubo. Por este meio, vêem-se, uma sobre a outra, duas partes do objecto cujas imagens são fornecidas respectivamente pelas duas objectivas.

Resta apenas fazer coincidir as duas partes do objecto, e isto, obtem-se inclinando um dos prismas tanto quanto está inclinado à paralaxe do próprio objecto.

Um indice graduado, fixo no prisma faz-se girar, dando immediatamente a distância que se procura.

Entre os instrumentos que têm provado a sua utilidade na guerra, devemos mencionar o projector.

A noite é propícia às surpresas e por essa razão são freqüentes os ataques noturnos. Para privar o assaltante da vantagem táctica que a escuridão lhe proporciona, há um só meio; fazer uzo de raios luminosos ou de projectores. Estes últimos, com a sua luz mais viva do que a luz do dia, não servem apenas para vêr o inimigo, servem também para impedir que êle veja; submergem-no em um feixe de luz deslumbrante e imobilizam-no.

Além disto, o reflector serve também para a telegrafia optica e permite trocar a distância sinais Morse.

Todos sabem de que utilidade são os projectores para os navios de guerra e para a defesa anti-aerea; sem o seu auxilio não haveria protecção possível contra as incursões noturnas dos zeppelins.

A construção dos projectores aperfeiçoou-se muito nos últimos tempos. Empregáram-se antigamente em França, os aparelhos Mangin com feixes luminosos paralelos; hoje preferem-se os simples reflectores parabólicos, ou antes paraboloidais, com espelho metálico prateado ou dourado, porque o metal se não quebra se fôr atingido por uma bala e o ouro é inalterável.

A parte luminosa é constituída pelo arco eléctrico, cuja alta temperatura (cêrca de 3.500°) assegura o máximo de intensidade luminosa; a energia eléctrica é fornecida para os reflectores móveis pelo motor do próprio automovel sobre o qual todo o aparelho está colocado.

O projector americano Sperry, com um metro de diametro, possui uma força iluminante de 100.000 velas Carcel, e exerce uma acção sufficiente a algumas dezenas de quilómetros de distância.

Para completar este rápido resumo das applicações opticas na guerra, seria necessário mencionar o periscópio dos submarinos e a fotografia; ácêrca do primeiro bastará dizer que é análogo ao periscópio de trincheira, porém, mais aperfeiçoado e complicado, sobretudo mais importante, visto que sem êle o submarino seria cego, vulnerável e quasi inútil.

(Da *Chronica estrangeira* do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, de 24 de agosto de 1917).

O Klaxon.— É um aparelho acústico de alarme, que se distingue das sereias, assobios e outros análogos, em que o som é devido não a uma corrente de ar mas à vibração forçada de uma lamina metálica.

É o *klaxon* formado de um disco ou diagrama de aço, que vibra rapida-

mente sob o impulso produzido pela rotação de uma roda dentada, montada directamente sobre a árvore de um motor electrico.

Por este dispositivo se consegue que as vibrações alcancem grande amplitude e o som extraordinariamente se reforce.

Em automobilismo, sobretudo, na circulação em estradas carroçaveis, este sistema de alarme é muito útil pela sua grande eficiencia, a qual é devida não só à intensidade do som como ao seu timbre particular, que o destaca dos demais e faz com que se imponha energicamente despertando a atenção do transeunte a grande distancia, e permitindo o veiculo conservar constantemente a sua marcha normal sem perigo de accidentes.

Estes aparelhos constroem-se de diferentes modelos e dimensões: o ordinário, funciona com um acumulador de 6 a 8 volts. Em grandes estabelecimentos utilizam-se aparelhos desse sistema para sinais de alarme em caso de incêndio. É intuitivo que elles podem ter várias applicações: nos caminhos de ferro, nas minas, nos navios, etc.

Nas proprias trincheiras, o *klaxon* encontrou o seu emprêgo, utilizando os seus estridentes sons para dar alarme, quando se avizinham os gases asfixiantes, pois esses gases formam densas nuvens de côr amarelo-esverdeado que se vislumbram a distancia. Advertidas a tempo, as tropas lançam mão immediatamente das suas máscaras protectoras.

II

PARTE MARITIMA

França

Balanço de tonelagem.—Segundo comunica o sub-secretario da marinha mercante, é o seguinte o balanço da sua tonelagem desde o começo da guerra até junho de 1917:

Existia antes da guerra.....	2.500.000 ton.	
Construidas e compradas.....	680.000	} 820.000 ton.
Em construção.....	140.000	
Perdidos pela acção inimiga.....	460.000	} 560.000 ton.
» por outras causas.....	100.000	

Inglaterra

Quasi toda a marinha mercante por conta do Estado.—Com excepção de poucos navios affectos à navegação de mares longíquos em serviços vitais para as colonias inglesas, e dos navios afretados à França e Inglaterra, o Governo inglês tem requisitado cêrca de 97 % dos navios de carga do Reino Unido.

As viagens são determinadas pelo Govêrno, o qual se inspira apenas no objectivo de obter as importações essenciaes dos mercados mais proximos, não tendo em conta os interesses dos armadores nem dos exportadores.

Muito do comércio que pertencia nos mares longíquos á bandeira inglesa está agora abandonado aos armadores neutros que não perdem a oportunidade de empregar os seus navios em zonas imunes do risco de guerra.

Os armadoras ingleses lamentam-se amargamente da situação da marinha mercante nacional, prevendo um futuro difficil se o Estado os não auxiliar

Italia

Navios insubmersiveis.—Numa reunião de representantes dos estaleiros italianos, realizada em Genova em 18 de agosto, em que se tratou da defesa submarina e da reconstituição da marinha mercante italiana, deliberou-se que na nova frota se devia cuidar de assegurar a flutualidade por meio duma compartimentagem transversal que permita sem perigo o alagamento de dois compartimentos consecutivos não se alterando porém as fórmulas gerais do casco, as quais são fruto duma longa experiencia.

Navios de cimento armado.—Segundo a opinião do engenheiro L. Ghirardi, exposta na assembleia geral da Liga Naval, o único meio da Italia poder construir uma frota mercante que satisfaça às suas necessidades economicas depois da guerra, é recorrer às construções de cimento armado.

Quanto ao comércio do Mediterraneo, supõe o mesmo engenheiro que se poderá fazer por meio de grandes barças conduzidas por rebocadores.

BIBLIOGRAFIA

I — LIVROS

França

- 1 *Avancement dans l'armée*. Tableaux d'avancement et de concours. Volume mis à jour à la date du 10 avril 1917. Limoges impr. et libr. Henry Charles-Lavauzelle. Paris, libr. de la même maison, 124, boulevard Saint-Germain. 1917. In-8, 214 p. Fr. 1,75
- 2 CADORE (E.), ancien interne des hôpitaux de Nancy, ancien délégué provisoire dans les fonctions de chef de clinique chirurgicale, ancien aide de l'anatomie, lauréat de la Faculté et des hospices de Nancy. — *Les appareils plâtrés en staff*. Leur application aux blessures de guerre. Travail de l'ambulance 1/20. Thèse pour le doctorat en médecine. Saint-Dizier (Haute-Marne). Paris, G. Steinheil, éditeur, 2, rue Casimir-Delavigne. 1917. In-8, 83 p. avec fig.
- 3 DELATRE (capitaine H.). — *Le Blessé de guerre*. Utilité des pièces d'origine. Traitement médicaux. Commissions de réforme. Allocations journalière et aux familles. Situations militaires diverses. Petit manuel pratique destiné aux sous-officiers, caporaux et soldats, ainsi qu'aux veuves et orphelins de la guerre. 2^{3e} édition. Limoges, impr. et libr. Henry Charles-Lavauzelle. Paris, libr. de la même maison, 124, boulevard Saint-Germain. 1917. In-12, 109 p. Cent. 75
- 4 *État du corps du génie*, arrêté à la date du 15 avril 1917. 1917, Limoges, impr. et libr. Henry-Charles-Lavauzelle. Paris, libr. de la même maison, 124, boulevard Saint-Germain. 1917. In-8, 258 p. Fr. 1,85
- 5 GÓMEZ CARRILLO (E.) — *Au cœur de la tragédie. Sur le front anglais*. Traduction de l'espagnol, par Gabriel Ledos. Nancy-Paris, impr. et libr. Berger-Levrault. 1917. In-16, 314 p. Fr. 3,50
- 6 MARABINI (capitaine C.). — *Les Garibaldiens de l'Argonese*. Feuille de route d'un capitaine de Garibaldiens. Volontaires italiens en Serbie, en France et en Italie pendant la grande guerre. Documents inédits du colonel Garibaldi. Appendice. État nominatif du régiment Garibaldien en France. Traduction de G. Reybaz, préface de M. G. d'Annunzio. Mâcon, impr. Protat frères. Paris, libr. Payot et C^{te}, 106, boulevard Saint-Germain 1917. In-16, 336 p. Fr. 3,50
- 7 GAZIN (M.), docteur es sciences, chirurgien-chef de l'hôpital annexé du Val-de-Grâce N.º 3 (École Polytechnique). — *La Cure solaire des blessures de guerre* (Méthode Rollier); 9 figures originales. Mayenne, impr. Charles Colin. Paris, A. Maloine et fils, éditeurs, 27, rue de l'École-de-Médecine. 1917. In-16, 91 p.
- 8 DOLLÉ (A.). — *La Côte 304 et Souvenirs d'un officier de zouaves*. Guerre

- 1914-1917. Illustrations de P. Magualdi et de l'auteur. Mayenne, impr. Charles Colin. Nancy-Paris, libr.-édit. Berger-Levrault. 1917. In-16, XIII 207 p. Fr. 3,50
- 9 MASSON (P. M.). — *Lettres de guerre*. Août 1914, avril 1916. Préface de Victor Giraud. Notice biographique par Jacques Zeiller. Corbeil, impr. Créte. Paris, libr. Hachette e C^{te}, 79, boulevard Saint-Germain. 1917. In-16, XXIII-264 p. Fr. 3,50

Inglaterra

- 1 AFRICAN *World Fourth War Annual*, 1917-18. Edited and Compiled by Leo Weinthal. Royal 8vo, pp. 262. «*African World*».
- 2 AINSLIE (Major Graham M.) *A Handbook on Rifles and Hand-Grenades*. Illustrated. Cr. 8vo. Chapman & H. net 6/
- 3 BAIN (Gilbert) «*The Slashers*» The History of the Gloucestershire Regiment. Cr. 8vo, swd., pp. 16. Arrowsmith 6d
- 4 CAMPBELL (H.) *Belgian Soldiers at Home in the United Kingdom*. Cr. 8vo, pp. 95 Saunders & Cullingham net 2/
- 5 COXHEAD (G. E. S.) *The Younger Branch. Sketches of a Cadet Camp*. Cr. 8vo, pp. 212. A. Melrose net 3/6
- 6 CUTTRISS (G. P.) «*Over the Top*» With the Third Australian Division. With Introduction by Major-General Sir John Monash. Illustrated by Neil McBeath. Cr. 8vo, pp. 139. C. H. Kelly net 3/
- 7 CURREY (Commandant E. H.) *News of Battle*. Cr. 8vo, pp. Nelson net 3/6
- 8 DODD (Francis) *Generals of the British Army*. Part 2. Portraits in Colours. With Introductory and Biographical Notes. Folio, swd. «*Country Life*» net 5/
- 9 FITCHETT (W. H.) *Deeds that Won the Empire. Historic Battle Scenes*. New edition. «*Murray's Library*». Cr. 8vo, pp. 336. J. Murray net 2/
- 10 FITCHETT (W. H.) *Fights for the Flag*. New edition. «*Murray's Library*». Cr. 8vo, pp. 338. J. Murray net 2/
- 11 GOLTZ (Capt. Horst Von der) *My Adventures as a German Secret Service Agent*. 8vo, pp. 275. Cassel net 6/
- 12 HARCRAVE (John) *Loncraft. The Handbook for Lone Scouts*. New and revised edition. Cr. 8vo, pp. 159. Constable... swd., net 1/6 ; 2/
- 13 HUGHES (Chas. H.) *Handbook of Ship Calculations*. Construction and Operation. Cr. 8vo, pp. 764. Library P. net 22/6
- 14 JASTROW (Morris) *The War and the Bagdad Railway*. The Story of Asia Minor and its Relation to the Present Conflict. 14 Illustrations and a Map. Cr. 8vo, pp. 160. Lippincott net 6/
- 15 LE QUEUX (Wm.) *Behind the German Lines*. Amazing Confessions of Col.-Lieut. Otto von Heynitz. 18mo, pp. 190. London Mail. net 1/3
- 16 *Lowland Scots Regiments (The) Their Origin, Character and Services previous to the Great War of 1914*. Edited for the Association of Lowland Scots by the Rt. Hon. Sir Herbet Maxwell, Bt. Royal 8vo, pp. 351. Maclehose. net 21/

- 17 MARGERISON (John S.) *Destroyer Doings*. Cr. 8vo, pp. 124. Pearson
net 1/6
- 18 MUGERDITCHIAN (Mrs. Esther) *From Turkish Toils. The Narrative of an
Armenian Family's Escape*. 8vo, swd., pp. 52. Pearson net 3d
- 19 NASMITH (Col. G. G.) *On the Fringe of the Great Fight*. Cr. 8vo, pp.
278. McClelland, Goodchild & Stewart 6/6
- 20 NAVAL Intelligence. *By the Author of «In the Northern Mists», etc.* Cr.
8vo, pp. 250. Hodler & S. net 6/
- 21 RALEIGH (Walter) *Some Gains of the War. An Address to the Royal
Colonial Institute*. Delivered Feb. 13, 1918. Cr. 8vo, swd. Oxf Univ.
P. ned 6d
- 22 *Royal Flying Corps in the War*. By «Wing Adjutant». Cr. 8vo, pp.
124. Cassell. net 2/
- 23 SHAW (Kenneth E.) *Jottings from the Front. Impressions and Expe-
riences*. Cr. 8vo, pp. 194. G. Allen & U. net 2/6
- 24 *Times Documentary History of the War (The)* Vol. IV. Naval — Part
2. 4to, pp. 545. Office. net 21/
- 25 *War Memories and Sketches*. By a Scottish Chaplain (Rev. G. Thom-
pson, Carnbee). Cr. 8vo, pp. 182. A. Gardner net 2/
- 26 WATCH Below (The) By «Taffrail» *Naval Sketches and Stories*. Cr.
8vo, pp. 121. Pearson net 1/6
- 27 WILLIAMS (Captain Basil) *Raising and Training the New Armies*. Cr.
8vo, pp. 320. Constable net 5/

II — PERIÓDICOS

Portugal

- 1 *Anais do Club Militar Naval*, n.º 2 de fevereiro de 1918. O conselheiro Castro Guedes. Balística externa. Memórias de Arqueologia naval portuguesa. O navio de comércio. Batalhão de Marinha expedicionário.
- 2 *Boletim da Administração Militar*, n.º 1 de janeiro de 1918. Instruções para os depósitos de subsistências e fardamento de étapes. Escrita e contabilidade militares. Depósito de étapes. Alferes miliciano Alfredo Martins de Carvalho. Sinópse.
- 3 *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, n.º 10 a 12 de outubro a dezembro de 1917. A aliança luzo-histórica e o domínio colonial português. Serviços meteorológicos no Congo. A propósito das cartas de Vespucci. Crónica.
- 4 *O Instituto*, n.º 3 de março de 1918. D. Maria Amalia Vaz de Carvalho. A proposta da revizão da Farmacopeia portuguesa de 1876. Documentos sobre várias indústrias portuguesas. História da instituição da Santa Ordem da Cavalaria e das ordens militares em Portugal. Correspondência do Conde de Castelmelhor com o P.º Manuel Fernandes e outros (1668 a 1678). O Fausto de Goethe.
- 5 *Revista de Historia*, n.º 25 de 1918. Gil Vicente, mestre de balança. D. Frei Dinís de Alencastre A evolução dum Município. Factos e Notas.

Brazil

- 1 *Boletim mensal do Estado Maior do exercito*, n.º 5 e 6 de novembro e dezembro de 1917. Notas editoriaes. Os serviços no estado maior do exercito inglez. Emprego dos projecteis electricos na defesa da costa. Serviço de abastecimento dos actuaes exercitos belligerantes.
- 2 *O tiro de guerra*, n.º 2 de fevereiro de 1918. O tiro de Guerra. Patria. As moças do Brazil. Estatística das Sociedades de Tiro. O fogo e o movimento. O principal dever dos ati adores. Sapa. Pela Cavallaria. As linhas de tiro. A Instituição do tiro de Guerra em S. Paulo. Sobre a educação physica militar. Do verdadeiro atirador. Quanto custa um homem morto na guerra. Alterações feitas no regulamento do tiro da infantaria. O tiro de canhão por cima das outras armas. O tiro 226 de Joinville. O factor homem na guerra. Instrução militar nas Sociedades de tiro.

Chile

- 1 *Memorial del ejercito de Chile*, n.º de março de 1918. Deficiencias de la Ley de reclutas y reemplazos. La guerra de Rumania en 1916 El espionaje. Organización de la primera Armada nacional — Campañas maritimas de Blanco y Cochrane. La defensa anti-area de nuestros establecimientos de importancia militar.
- 2 *Revista de marina*, n.º 363 de janeiro e fevereiro de 1918. Contribución al aprovechamiento de la industria nacional por la armada y el ejercito. Fuentes de abastecimiento de los compuestos de nitrogeno para explosivos e para abonos. Las viajes de instrucción de lo «General Baquedano». Energias hidraulica y electrica para el uso de la artilleria. Nitrocelulose o polvora nitroglicerina? Regla atmosferica. Descripción y calculo completo de una estación radiotelegrafica que le corresponderia a un buque tipo «Ó Higgino», para obtener una mayor eficiencia.

Colombia

- 1 *Memorial del Estado Mayor del ejercito de Colombia*, n.º de dezembro de 1917. La marcha. Educación e instrucción. El sarampión. Observaciones a los informes de los comandantes de distritos militares de la 2.ª brigada.

Cuba

- 1 *Boletin del ejercito*, n.º 24 de fevereiro de 1918. Comparacion entre el «77» aleman y el «75» frances. Campaña de Gallipoli. Sobre el tiro de precision en la guerra de trinchera. Cronicas de la guerra, Campaña germano-italiana. Nociones sobre intoxicacion y su tratamiento. Los criteres hechos por proyectiles.

Espanha

- 1 *Estudios militares*, n.º 3 de março de 1918. Un pequeño ensayo de General y una mayor aplicación de jefe, oficial, clase y soldado de infantería. Educación militar y espíritu público. La guerra europea : crónica politico-militar.
- 2 *La guerra y su preparacion*, n.ºs 2 e 3 de fevereiro e março de 1918. Impresiones de una visita a los ejercitos britanico y francés, que operan en territorio de Francia. Estudio sobre los famosos tanques ingleses. Campeonatos de eficiencia militar en Inglaterra. Triplano de bombardeo de grandes dimensiones. La batalla de ruptura del Izenzo. Campos de instrucción para la oficialidad del cuerpo de reserva, y candidatos a plaza de oficial, en el ejercito de los Estados-Unidos. Cuidados que requieren los inválidos de guerra. Real ejercito italiano. Las fortificaciones de la linea del Tagliamento. Mortero de trinchera, sin ruido.
- 3 *Memorial de artilleria*, n.º de março de 1918. El escalonamiento de convergencia en nuestras baterías de campaña. Procedimientos modernos para determinar da temperatura de temple de los aceros. Artillería y aviación : Su empleo y su enlace en la guerra moderna.
- 4 *Memorial de caballeria*, n.º de março de 1918. Nuevas plantillas. Reportismo marcial. Un poco de historia hipica nacional. Los lanceros de Novara y los dragones de Génova. Cosas de caballeria : Sobre organización... Militarismo. Cronica de la guerra. Revista de revistas. Historia del cerco. Africa.
- 5 *Memorial de infanteria*, n.º 74 de março de 1918. Estudio militar del Hert. Sobre instrucción de tiro. Trilogia eminente. Innovación de la ciencia. Los dos padres. Variedades.

Estados-Unidos

- 2 *The International Military Digest*, vol. 4 n.ºs 2 e 3 (fevereiro e março de 1918).

Italia

- 1 *Rivista di cavalleria*, n.º de janeiro de 1918. Forza numerica degli ufficiali dell'Arma di Cavalleria. Da un Mese all' Altro. Pagine di guerra. Rimonta nel Nord-America e note di viaggio. Cronaca degli evaenimenti di guerra dell' agosto 1915. Appunti sull' azione della Cavalleria dell' Isonzo al Piave.

Mexico

- 1 *Boletin de ingenieros*, n.º 8 de novembro de 1917. Algo sobre la mecanica del concreto armado. Sección de experimentación : Resistencia a cargas transversales de algunas piedras; Resistencia del ocote y del cedro a la flexion y la compresión. Estudio sobre la envoltura de los proyectiles. El futuro de las fortalezas. Erro medio de una junción de cantidades observadas con una precisión dada. Una excitativa.
- 2 *Tohtli*, n.º 2 de fevereiro de 1918. La representacion nacional en la Escuela y talleres de aviacion. Informe que el mayor Alberto Salinas presentó la señor general de división D. Pablo González durante la

campana dei Ebano. Escuela. Visita de los CC. Diputados y Senadores a la Escuela y Talleres de Aviación. El aeroplano en el extranjero. Los aeroplanos americanos no sirven para la guerra. El microplano. Cola para aeroplanos. Sección de aerología. Agujeros en el aire. Sobre la utilidad y empleo de los aeroplanos.

Noruega

- 1 *Norsk militært tidsskrift*, n.º 3 de marzo de 1918. Stillingskrigens aarsaker, dans frantidsmuligheter. Krigeser faringer og deres utnyttelse i vor har. Hovedvaabenet. Esfaringer. Kristiania militære sam funds aarkeretning for 1917. Aarsberetning 1917 fra Norsk militært tidsskrifts prisofgaver for 1917. Norsk militært tidsskrifts prisofgaver for 1918.

Peru

- 1 *Boletín del Ministerio de guerra y marina*, n.º de janeiro de 1918. Ejercicios de servicio en campana aplicados a la artilleria de montaña. Crónica de las acciones de la caballeria en la guerra de las naciones. Orientacion del espiritu militat. La batalla del Marne. La guerra de trincheras.

Suissa

- 1 *Revue militaire suisse*, n.ºs 3 e 4 de marzo e abril de 1918. Le groupe de mitrailleurs attelé et son importance pour la division. Le pas cadencé Un musée anatomique de guerre. Chronique suisse. Chronique portugaise. Causerie politique et juridique sur les événements de la guerre. Doctrines et Devoirs. Nos mitrailleurs.

San Salvador

- 1 *Boletín del Ministerio da Guerra*, n.ºs 35 e 36 de novembro e dezembro de 1917. Commemoración del primer grito de Independencia. Felicitación de Año Nuevo. Instrucción. Acuerdos del Ministerio de Guerra y Marina. Ordenes Generales importantes Movimiento habido en el Ejército durante el mes de Noviembre e Diciembre. Resumen del Movimiento habido en el Escalapón del Ejército durante el año de 1917. Canjes.